

RESSALVA

Atendendo solicitação
do(a) autor(a), o texto completo
desta dissertação será
disponibilizado somente a partir de
12/07/2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANA PAULA NEVES DE OLIVEIRA

**FRANCISCO FERRER Y GUARDIA, UM MITO EM DISPUTA NAS PÁGINAS
ANTICLERICAIS D’A *LANTERNA*
(SÃO PAULO, 1909-1916)**

FRANCA

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANA PAULA NEVES DE OLIVEIRA

**FRANCISCO FERRER Y GUARDIA, UM MITO EM DISPUTA NAS PÁGINAS
ANTICLERICAIS D’A *LANTERNA*
(SÃO PAULO, 1909-1916)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista (PPGH/UNESP), como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura Social.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria dos Santos Guimarães.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

FRANCA

2022

O48f Oliveira, Ana Paula Neves de
Francisco Ferrer y Guardia, um mito em disputa nas páginas anticlericais d'A Lanterna (São Paulo, 1909-1916) / Ana Paula Neves de Oliveira. -- Franca, 2022
210 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientadora: Valéria dos Santos Guimarães

1. História da imprensa no Brasil. 2. Anticlericalismo. 3. Movimento operário. 4. Anarquismo. 5. Francisco Ferrer. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ANA PAULA NEVES DE OLIVEIRA

**FRANCISCO FERRER Y GUARDIA, UM MITO EM DISPUTA NAS PÁGINAS
ANTICLERICAIS D'*A LANTERNA*
(SÃO PAULO, 1909-1916)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Franca, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura Social

BANCA EXAMINADORA

**Presidente: Prof.^a Dr.^a Valéria dos Santos Guimarães
(Unesp/Franca)**

**Membro titular: Prof.^a Dr.^a Edilene Teresinha Toledo
(Unifesp/Guarulhos)**

**Membro titular: Prof.^a Dr.^a Márcia Regina Capelari Naxara
(Unesp/Franca)**

A Samea e Paulo, pelo incondicional amor e apoio.

A todas e todos que lutaram e que lutam por uma
humanidade livre sobre uma terra livre.

A memória de Francisco Ferrer y Guardia.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de um isolamento diferente daquele a que eu estava acostumada: necessário à concentração, voluntário, em meio às estantes de livros – e que acabava como começava, quando eu cruzava as portas de vidro da biblioteca da Unesp/Franca. Iniciadas no ano de 2020, estas páginas foram escritas em meio à pandemia de Covid-19 que assolou o mundo e fez do isolamento social medida protetiva e de contenção à crise humanitária atravessada. Felizmente, dentre tantas e diferentes perdas, “a dor é muito menos dor pra quem tem amigos”, como versou Frejat. E o caminho da pesquisa, apesar de ser bastante solitário, não se faz sozinho. Nesta trajetória, que começa em idos de 2016 com minha entrada na graduação, são muitos aqueles aos quais sou grata pelos encontros.

Agradeço à minha orientadora, Valéria Guimarães, antes de tudo, por acreditar no meu trabalho. Pelo exercício de orientação sempre tão comprometido e atento, pelos infundáveis ensinamentos e pelo suporte capital desde os meus primeiros passos na pesquisa científica. Obrigada, Valéria, por tornar este trabalho possível. Por você, minha mais sincera admiração. Aos meus colegas de orientação, agradeço pelas infinitas trocas, em especial àqueles que entraram comigo nessa aventura, Lê e Lu(s), e que foram alicerce e guarida fulcrais ao longo desta trajetória. Às professoras doutoras Edilene Toledo e Márcia Naxara, por gentilmente aceitarem participar das bancas de qualificação e defesa e por terem colaborado de maneira valiosa ao aperfeiçoamento deste trabalho.

Agradeço a todos os colegas que compartilharam comigo os corredores, as salas, os anfiteatros e a quadra da universidade ao longo dos anos de Unesp, onde fui batizada Natasha. Às companheiras de luta no movimento estudantil, Copa, Acts, Stella e demais, pela lembrança viva da necessidade de ocupar a Várzea. Aos meus amigos do Clã, que calorosamente me acolheram em Franca e ressignificaram a palavra família: Meiri, Jaque, Fabi, Gabriel, Bizu e Luís. Agradeço ao Kevin, que caminha ao meu lado desde a fila para a matrícula no curso de História; e a Bin, com quem dividi, antes de tudo, minha primeira refeição no RU: amigos que foram esteios vitais neste caminho. À Matrix, grata surpresa, por tornar mais leve o final de um ciclo tão árduo. Ao Carlos, por tanto, pelos cafés que melhoravam tardes difíceis, pelas tantas reuniões não oficiais de “coorientação”, pelas palavras de encorajamento quando precisei. À Monique, por tudo, desde a nossa primeira manhã de domingo. Obrigada por tornar nossa casa um lar, por ser uma grande inspiração de mulher, pesquisadora e professora, pelo respeito e apoio mútuos, por seu companheirismo que levo para a vida.

Agradeço aos alunos e alunas das escolas estaduais de Franca em que fui professora na condição de bolsista PIBID e RP. Foi com eles, sem sombra de dúvidas, que tive a certeza de que queria seguir carreira docente. E foi por eles, também, que continuei a carreira acadêmica e defendi um mestrado em História e Cultura Social sobre imprensa e educação no início da República. Espero que o tripé universitário de Ensino, Pesquisa e Extensão, que embasou minha trajetória universitária, possa continuar a ser pilar em minha carreira. Antes de ser mestra, sempre quis ser professora. E este mestrado vem também, e principalmente, da ânsia de ser melhor em sala de aula.

Agradeço ainda aos amigos e família de Minas Gerais e São Paulo, por onde também transitou a escrita desta dissertação. Às muitas amigadas que não serão nominalmente citadas pelo medo de cair na falácia do esquecimento, agradeço por deixarem o caminho mais leve e, por vezes, mais ébrio. Ao Mario, pela perseverança e empatia de sua amizade. À Luiza, minha irmã de outra mãe, pelo imensurável apoio e profunda confiança, pela zelosa presença e pelo mais grato presente: Théo, fonte de esperança e motivação. Ao meu irmão e amigo Pedro, pelo vital companheirismo, pelas boas risadas e por sofrer e sorrir comigo pelo SPFC. “Pedro, onde cê vai eu também vou”. Agradeço aos meus avós, tios e primos, pelas alegres lembranças. Em especial, à vó Firmina, por ter sido sempre também uma mãe. Aos meus pais, pelo invariável suporte, pela imensa confiança, pelo desmedido amor. Obrigada por me ensinarem, pelo exemplo, a persistir e a lutar pelo que acredito. A todos, agradeço por compreenderem tantas vezes minhas ausências em nome deste trabalho.

Por fim, mas sem menor importância, registro meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por conceder financiamento ao longo do Mestrado, sem o qual esta pesquisa seria inviável. Meu muito obrigada aos professores e servidores do campus de Franca, bem como aos servidores do Centro de Documentação e Memória da Unesp, do Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp e do Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional; e a Eric B. Coulaud, por gentilmente me ceder a digitalização do postal colorizado de Firmín Sagristá que abre esta dissertação.

Do sangue dos mártires brota a flor rubra da rebeldia.
A Lanterna, n.108, 13 de outubro de 1911.



Ilustração do pintor espanhol Firmín Sagristà em homenagem a Francisco Ferrer y Guardia, 1909.
Col. Part. Eric Coulaud.

Ferrer y Guardia acreditava que ninguém é mau de propósito e que todo o mal do mundo advém da ignorância. Por isso os ignorantes o assassinaram e a ignorância criminosa é perpetuada ainda hoje por meio de novas e incansáveis inquisições. Frente a elas, no entanto, algumas vítimas, como Ferrer, sempre estarão vivas.

Albert Camus

(*Le Libertaire*, n.53, Paris, outubro de 1959)

OLIVEIRA, Ana Paula Neves de. **Francisco Ferrer y Guardia, um mito em disputa nas páginas anticlericais d'A Lanterna (São Paulo, 1909 – 1916)**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2022.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo melhor compreender a trajetória brasileira da repercussão midiática do fuzilamento do professor racionalista Francisco Ferrer y Guardia, criador da Escola Moderna de Barcelona, pelo Estado espanhol em 13 de outubro de 1909. Objetiva-se, por meio da análise da segunda fase do periódico anticlerical *A Lanterna*, refletir e lançar hipóteses sobre a produção, circulação, bem como recepção, aclimatação e consequente apropriação dos ideais e, principalmente, da própria figura de Ferrer no jornal. Ancorada em uma abordagem teórica ligada à História da Leitura da Imprensa Periódica, fez-se o levantamento e análise de textos jornalísticos e imagens que tratavam do tema Ferrer veiculados tanto em *A Lanterna*, como em demais publicações periódicas brasileiras do período. Por meio do estudo das fontes percebeu-se uma recepção singular de Ferrer no Brasil no jornal anticlerical, que passou não apenas a construir determinadas representações a partir da figura do educador, como também a disputá-las tanto interna, como externamente – mormente com órgãos das imprensas clerical, católica e conservadora. A principal hipótese desta dissertação é a de que a partir da *disputa de representações* travada em *A Lanterna* em torno da figura de Ferrer, o jornal alça o educador à estatura de um *mito político*, conforme as teorizações de Roger Chartier e Raoul Girardet, respectivamente. Objetivando entender como se deu a construção deste mito e em prol de quais pautas ele fora utilizado no jornal, concluiu-se que o mito Ferrer foi fundamental na expansão do discurso anticlerical do periódico, servindo especialmente à luta em prol de um projeto anticlerical e libertário de sociedade que deixou frutos concretos, como as Escolas Modernas N.1 e N.2 de São Paulo, aos moldes da iniciativa de Ferrer em Barcelona.

Palavras-chave: história da imprensa no Brasil; anticlericalismo; movimento operário; anarquismo; Francisco Ferrer.

OLIVEIRA, Ana Paula Neves de. **Francisco Ferrer y Guardia, a myth in dispute in the anticlerical pages of A Lanterna (São Paulo, 1909 – 1916)**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2022.

ABSTRACT

The present research aims to better understand the Brazilian trajectory of the media repercussion of the shooting of the rationalist professor Francisco Ferrer y Guardia, founder of the Modern School of Barcelona, by the Spanish State on October 13, 1909. Through the analysis of the second phase of the anticlerical periodical *A Lanterna*, this work aims to reflect and launch hypotheses about the production, circulation, as well as reception, acclimatization and consequent appropriation of ideals and, mainly, of Ferrer's own figure in this paper. Anchored in a theoretical approach linked to the History of Reading of the Periodical Press, were carried out a survey and analysis of journalistic texts and images that dealt with the Ferrer theme published both in the anticlerical paper and in other Brazilian periodicals of the period. Through the study of the sources, a singular reception of Ferrer in Brazil in *A Lanterna* was noticed. The anticlerical paper started not only to build certain representations from the figure of the educator, but also to dispute them both internally and externally – especially with organs of the clerical, catholic and conservative press. The main hypothesis of this dissertation is that from the *dispute of representations* fought in *A Lanterna* around the figure of Ferrer, the newspaper raises the educator to the stature of a *political myth*, according to the theorizations of Roger Chartier and Raoul Girardet, respectively. Aiming to understand how the construction of this myth took place and in favor of which guidelines it was used in the newspaper, it was concluded that the myth Ferrer was fundamental in the expansion of the anticlerical discourse of *A Lanterna*, especially serving the struggle for an anticlerical and libertarian project of society that left concrete fruits, such as the Modern Schools N.1 and N.2 in São Paulo, along the lines of Ferrer's initiative in Barcelona.

Keywords: history of press in Brazil; anticlericalism; labor movement; anarchism; Francisco Ferrer.

OLIVEIRA, Ana Paula Neves de. **Francisco Ferrer y Guardia, un mito en disputa en las páginas anticlericales de A Lanterna (São Paulo, 1909 – 1916)**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2022.

RESUMEN

La presente investigación tiene como objetivo comprender mejor la trayectoria brasileña de la repercusión mediática del fusilamiento del profesor racionalista Francisco Ferrer y Guardia, creador de la Escuela Moderna de Barcelona, por parte del Estado español el 13 de octubre de 1909. A través del análisis de la segunda fase del periódico anticlerical *A Lanterna*, se trató de reflexionar y lanzar hipótesis sobre la producción, circulación, así como recepción, aclimatación y consecuente apropiación de los ideales y, principalmente, de la propia figura de Ferrer en el periódico. Anclado en un abordaje teórico vinculado a la Historia de la Lectura de la Prensa Periódica, se realizó el levantamiento y análisis de textos periodísticos e imágenes que trataron el tema Ferrer publicados tanto en *A Lanterna* como en otros periódicos brasileños de la época. A través del estudio de las fuentes, se percibió una singular recepción de Ferrer en Brasil en *A Lanterna*, que pasó no sólo a construir ciertas representaciones a partir de la figura del educador, sino también a disputarlas tanto interna como externamente – especialmente con órganos de las prensas clerical, católica y conservadora. La hipótesis principal de esta tesis es que a partir de la *disputa de representaciones* librada en *A Lanterna* en torno a la figura de Ferrer, el semanario eleva al educador a la talla de *mito político*, según las teorizaciones de Roger Chartier y Raoul Girardet, respectivamente. Con el objetivo de comprender cómo se llevó a cabo la construcción de este mito y en favor de quées pautas se lo utilizó el periódico, se concluyó que el mito Ferrer fue fundamental en la expansión del discurso anticlerical de *A Lanterna*, especialmente al servicio de la lucha por un proyecto anticlerical y libertario de sociedad que dejó frutos concretos, como las Escuelas Modernas N.1 y N.2 de São Paulo, en la línea de la iniciativa de Ferrer en Barcelona.

Palabras clave: historia de la prensa en Brasil; anticlericalismo; movimiento obrero; anarquismo; Francisco Ferrer.

LISTA DE IMAGENS

Figura 01 – Capa da primeira ed. do jornal <i>A Lanterna – Folha Anticlerical de Combate</i>	57
Figura 02 – Capa da edição de n.5 de <i>A Lanterna – Folha Anticlerical de Combate</i>	63
Figura 03 – O títere do clero espanhol.....	67
Figura 04 – Capa da edição de n.126 de <i>A Lanterna – Folha Anticlerical de Combate</i>	73
Figura 05 – Capa da edição de n.229 de <i>A Lanterna – Folha Anticlerical de Combate</i>	75
Figura 06 – Fotografia do julgamento de Ferrer no conselho de guerra espanhol.....	76
Figura 07 – Francisco Ferrer perante o Conselho de Guerra.....	76
Figura 08 – Capa da edição de n.276 do jornal <i>A Lanterna</i>	78
Figura 09 – Anúncio da Escola Moderna N.1. de São Paulo.....	98
Figura 10 – Capas das edições de n.102, 53 e 108.....	105
Figura 11 – Capas das edições comemorativas de 1910 e 1911.....	106
Figura 12 – Capa da edição de n.53 sobreposta à edição de n.102.....	107
Figura 13 – Capa da edição de n.108 sobreposta à edição de n.102.....	107
Figura 14 – Capa da edição especial de 13 de outubro de 1910.....	110
Figura 15 – Segunda página do número especial de 13 de outubro de 1910.....	115
Figura 16 – Capa da edição especial de 13 de outubro de 1911.....	118
Figura 17 – Ideal.....	122
Figura 18 – Capa da edição de n.160 de <i>A Lanterna – Anticlerical e de Combate</i>	128
Figura 19 – Os chacais olhando para sua obra.....	129
Figura 20 – A luz do mártir contra o obscurantismo anticlerical.....	131
Figura 21 – Capa da edição de n. 212 de <i>A Lanterna – Anticlerical e de Combate</i>	137
Figura 22 – Glória ao mártir Ferrer.....	138
Figura 23 – Capa da edição de n. 264 de <i>A Lanterna – Anticlerical e de Combate</i>	142
Figura 24 – A verdade é de todos e se deve a todos.....	143
Figura 25 – Capa da edição de n.292 de <i>A Lanterna – Anticlerical e de Combate</i>	146
Figura 26 – Folheto em comemoração ao 1º de Maio.....	148
Figura 27 – Rui Barbosa e Afonso XIII.....	165
Figura 28 – A eterna comédia.....	181
Figura 29 – Capa da edição de n.42 de <i>Santuário D’Apparecida</i>	184
Figura 30 – Capa da edição de n.50 de <i>Santuário D’Apparecida</i>	188
Figura 31 – Capa da edição de n.51 de <i>Santuário D’Apparecida</i>	188
Figura 32 – Capa do folheto de Pedro Sinzig.....	193

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – “O CLERICALISMO: EIS O INIMIGO!”.....	36
1.1. A repercussão do caso Ferrer no jornal <i>A Lanterna</i> – em defesa da inocência do educador.....	51
1.1.1. “ <i>Subsídios para a história de um crime</i> ”.....	62
1.2. “Instruir o povo é tirar fregueses aos padres” – a campanha pela Escola Moderna de São Paulo no jornal anticlerical.....	85
CAPÍTULO 2 – EM COMEMORAÇÃO AO MÁRTIR: A EFEMÉRIDE DO 13 DE OUTUBRO NO JORNAL <i>A LANTERNA</i>.....	101
2.1. Primeiros anos – os números especiais.....	102
2.2. As capas comemorativas.....	128
CAPÍTULO 3 – “NÓS E OS REACIONÁRIOS”.....	151
3.1. “O sr. dr. Hermann von Ihering e <i>A Lanterna</i> ” – a polêmica com o diretor do Museu Paulista.....	155
3.2. “O que diz a imprensa” – o mito Ferrer na grande imprensa paulistana e carioca.....	163
3.3. “Respondendo à clericanalha” – o mito Ferrer na imprensa católica e clerical...175	
3.3.1. “ <i>Ferrer, mártir ou patife?</i> ” – o professor João Penteado e a polêmica com o frei Pedro Sinzig.....	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	196
BIBLIOGRAFIA.....	200

INTRODUÇÃO

O futuro fará sorrir a vitória para os homens livres que, trabalhando pelo bem, veem cair fecundando a estrada do progresso os seus grandes mártires inocentes¹.

Na cinzenta manhã do dia 13 de outubro do ano de 1909, nos fossos da histórica fortaleza de Montjuïc, localizada no topo da colina homônima em Barcelona, era conduzido para o fuzilamento o educador catalão Francisco Ferrer y Guardia. Tendo negado a extrema unção oferecida por um padre na noite anterior, seus últimos pedidos foram os de que não fosse forçado a ficar de joelhos e vendado durante sua execução, em um nítido gesto de hombridade e resistência à humilhação que estava sofrendo. O primeiro fora acatado, mas o segundo, não. Assim, consoante relatos, depois de serenamente dizer aos soldados que aquilo não era culpa deles, encarou a morte de pé e com as mãos atadas às costas, gritando à infantaria “Apuntad bien, amigos ¡Soy inocente! ¡Viva la Escuela M---!”. As balas teriam lhe interrompido a frase ao lhe atravessarem o peito². Exatos quatro dias depois, do outro lado do Atlântico, sua fotografia passava a circular na cidade de São Paulo na capa de um periódico operário que o identificava como “O grande mártir da Escola Moderna”. Se tratava do primeiro número da segunda fase de *A Lanterna*, subtítulo *Folha Anticlerical de Combate*.

A pauta da necessidade de domínio da educação do operariado pelos próprios trabalhadores vinha sendo debatida desde o Congresso de Bruxelas, de 1868, terceiro congresso organizado pela Associação Internacional dos Trabalhadores³. No meio anarquista, apesar das discussões pungentes já na década de 40 do século XIX, prolongadas e desenvolvidas até a década de 80 do mesmo século por teóricos como Mikhail Bakunin, Joseph Proudhon, Errico Malatesta, Élisée Reclus e Paul Robin, a preocupação em relação à educação ganhou sistematização principalmente a partir do Programa Educacional do Comitê para o Ensino Anarquista⁴. O documento foi divulgado no ano de 1882 e elaborado por

1 *A Lanterna – Folha Anticlerical de Combate*, 23 de outubro de 1909, n.2, p.2.

2 ARCHER, William. *The life, trial and death of Francisco Ferrer*. New York: Moffat, Yard and Company, 1911, p. 241.

3 O Congresso de Bruxelas teve como uma de suas deliberações a organização do ensino racional por e para os operários.

4 Toma-se aqui como base a periodização proposta por Flávio Luizetto (1986) acerca dos debates sobre educação no meio libertário. De acordo com o historiador, pode-se falar em um primeiro período de 1840 a 1882, e de um segundo a partir de 1882, com o dito Programa, se desdobrando até as primeiras décadas do século XX.

grandes nomes do movimento libertário⁵ do período, como Piotr Kropotkin, Jean Grave, Charles Malato, Louise Michel, além dos já citados Reclus e Robin⁶. O Programa propunha um ensino pautado na educação integral e no método científico e racional, de forma que a educação fosse mista (coeducação de gêneros) e libertária, “isto é, numa palavra, consagrar em proveito da liberdade o sacrifício da autoridade, uma vez que o objetivo final da educação é formar homens livres que respeitem e amem a liberdade alheia”⁷. Dentre as inúmeras iniciativas educacionais que se inspiraram em tais discussões está a Escola Moderna de Barcelona.

Fundada no ano de 1901 na capital catalã por Francisco Ferrer y Guardia, a Escola Moderna não bebeu, entretanto, apenas nas reflexões dos libertários. Décimo terceiro de quatorze filhos, Ferrer nasceu no ano de 1859 em Alella, cidade pertencente à província de Barcelona, situada há cerca de doze quilômetros desta capital. Tendo se mudado ainda jovem, aos 14 anos de idade, para esta metrópole espanhola, iniciou ali uma vida militante que não só levou até o fim de seus dias, como tornou sua morte precoce. A despeito de uma formação tradicional na infância, Ferrer y Guardia teria tido contato com ideias liberais desde cedo, tendência que se aprofundou com sua transferência para Barcelona⁸ – onde passou a participar de atividades do grupo político republicano. À época, a capital catalã era um dos centros da expansão industrial espanhola e sofrera completa remodelação nos anos de 1860 por meio do Plano Cerdá, plano urbanístico pioneiro entre os projetos de reforma que se espalhavam por metrópoles do mundo inteiro, cuja proposta era mais radical e humanista que aquela da Paris do Segundo Império, levada a cabo pelo Barão de Haussmann. Com uma classe operária incipiente e com um movimento dos trabalhadores que começava a se organizar, Barcelona era um cenário favorável para propostas inovadoras. Empregado em uma companhia ferroviária como revisor de bilhetes de uma linha que ligava a capital catalã à francesa, Ferrer

5 Atualmente apropriado por movimentos da direita política que defendem a ideia de Estado mínimo, importa reiterar que neste trabalho o termo “libertário” será utilizado como sinônimo de anarquismo de orientação socialista, evocando sua origem histórica.

6 Nascido em Toulon no ano de 1837, o pedagogo francês foi uma figura central nas discussões acerca da educação nos debates da AIT. Paul Robin ficou conhecido por sua proposta pedagógica de Educação Integral, colocada em prática no Orfanato Cempuis, onde lecionou. Influência direta no pensamento de Ferrer y Guardia, Robin faleceu no ano de 1912, em Paris.

7 KROPOTKIN apud LUIZETTO, Flávio Venâncio. *O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna Nº1, 1912-1919*. Revista Educação e Sociedade, N. 24, 1986, p.24.

8 As diferentes biografias de Ferrer se contradizem neste ponto. Aquelas que tomam por base os escritos de Sol Ferrer (1948) sobre a vida do pai, atribuem a um tio e a um irmão mais velho do futuro educador, José Ferrer, o primeiro contato de Francisco com ideias republicanas. Entretanto, alguns historiadores questionam a fiabilidade de determinadas informações trazidas por Sol na referida biografia, e atribuem a influência sobre Ferrer de tais ideias ao comerciante Pablo Ossorio, com quem fora morar em Barcelona quando se mudou de Alella. De qualquer maneira, seja esse contato anterior ou não, já aos 14 anos Ferrer participava de reuniões políticas de cunho liberal e republicano junto do comerciante.

teria se tornado uma espécie de informante secreto entre os republicanos espanhóis refugiados ou exilados na França e seus correligionários catalães. Neste momento, ele estabeleceu uma relação próxima com o chefe dos republicanos radicais, Manuel Ruiz Zorrilla, de quem se tornaria secretário quando de sua mudança para Paris, em 1885.

Não obstante não se saber ao certo a motivação da mudança de cidade, a estadia de Ferrer na capital francesa é um ponto de destaque em sua biografia, sobretudo porque foi neste momento que ele voltou seus esforços para a área de estudos sobre pedagogia e educação de crianças e jovens, na qual ficou conhecido por suas propostas arrojadas para a época, seguindo seu nome como uma referência incontornável para especialistas no tema até nossos dias. Estabelecido em Paris, Ferrer passou a trabalhar como professor de espanhol, ocupação que, somada à sua dedicação política, o colocou em contato com diversos grupos progressistas o que, por certo, concorreu para que radicalizasse seus ideais. Trabalhos historiográficos como os de Albert Moncusi e Ángel Capelletti apontam para a importância do clima cultural efervescente que se desenrolava na moderna Paris *fin de siècle* para o amadurecimento tanto da teoria, como da prática do projeto pedagógico de Ferrer⁹. Com fácil trânsito entre diferentes correntes progressistas, o contato com o republicanismo então re-inaugurado na França por certo fez com que Ferrer repensasse suas concepções. Em seu livro *A Escola Moderna*, escrito durante a prisão em 1909, o educador definiu Zorrilla como um “centro de ação revolucionária”, cujo relacionamento o teria permitido entrar em contato com “muitos revolucionários espanhóis e com muitos e notáveis republicanos franceses”. Entretanto, em outra direção, descreve sua relação com os mesmos como uma “desilusão” dada a frustração com os rumos da Terceira República, se considerando ideologicamente como alguém que lutava por uma “transformação radical”¹⁰ da sociedade.

Essa radicalização do pensamento de Ferrer pode ser percebida principalmente nos últimos anos da vida do educador. Apesar de inicialmente ter atuado na militância nos meios republicanos e mesmo socialistas – quando participou da Segunda Internacional de Paris, em 1889, como delegado do *Parti ouvrier Français* –, é certo que Ferrer y Guardia estabeleceu uma rede de contatos com diversos nomes do movimento anarquista do período. Dentre eles, destacam-se na França: Jean Grave, Louise Michel, Sébastien Faure, Paul Robin, Charles

9 Ver: CAPPELLETTI, A. *Francisco Ferrer y La Pedagogia Libertaria*. La Piqueta Editora, Madrid, 1980; MONCUSI, A. *El lluri pensament a Catalunya (1868-1923): cultures, identitats i militàncies anticlericals em transformació*. Tese (Doutorado), Universidade de Barcelona, 2015.

10 Até aqui: FERRER, Francisco. *A Escola Moderna*. São Paulo: Ed. Terra Livre, 2014. p. 27.

Malato (que teria sido um de seus amigos mais íntimos¹¹); na Rússia: Piotr Kropotkin; na Itália: Errico Malatesta e Luigi Fabbri, e, então exilado em Bruxelas, o francês Elisée Reclus. Como será visto, optou-se por defender a hipótese de um Ferrer anarquista, a despeito das controvérsias a este respeito, as quais serão exploradas no decorrer do texto. Outrossim, vale destacar dentre seus contatos uma de suas alunas de língua espanhola: Enerstine Meunier. Componente, entretanto, da burguesia parisiense, Meunier era uma senhora viúva, abastada e sem herdeiros quando tomou aulas com o professor. Tornando-se amigos, Ferrer compartilhara com ela seu projeto pedagógico e, ao fim de sua vida, a francesa deixou parte de sua herança para que o educador pudesse concretizá-lo.

Desta feita, em 1901 o catalão retornou a seu país e fundou a Escola Moderna de Barcelona. Junto dela, Ferrer abriu também uma editora, onde foram impressos os livros didáticos e demais materiais utilizados na escola¹². Nas palavras do educador, os livros laicos da França não serviriam à sua iniciativa pois “deus era substituído pelo Estado, a virtude cristã pelo dever cívico, a religião pelo patriotismo e a submissão e a obediência ao rei, ao autócrata e ao clero pelo acatamento ao funcionário, ao proprietário e ao patrão”¹³. Assim, Ferrer reforça a necessidade de uma pedagogia científica, racional e anticlerical, também independente do culto nacional que se instaura com a República, e não simplesmente laica. Certamente isso deu ainda mais força para a adoção de suas diretrizes pedagógicas pelos libertários que defendiam o internacionalismo das pautas das classes trabalhadoras. Entretanto, em uma Espanha monárquica, o projeto do educador causava grande incômodo ao *establishment* e já no ano de 1906 a Escola Moderna foi fechada pelo Estado espanhol devido ao atentado da *Calle Mayor*, ocorrido naquele mesmo ano em Madri, quando uma bomba foi atirada contra a comitiva real no dia das núpcias do rei Afonso XIII da Espanha com Victoria Eugênia de Battenberg. O responsável pelo atentado, Mateo Morral, havia sido bibliotecário da Escola Moderna, o que levou Ferrer à prisão como suposto mentor intelectual. O educador foi liberto cerca de um ano depois por falta de provas pelo julgamento civil¹⁴. De volta à Paris,

11 AVILÉS, Juan. *Francisco Ferrer y Guardia – Pedagogo, anarquista y mártir*. Marcial Pons Historia (Versão Ebook Kindle), Madrid, 2006.

12 Para a composição desse material, Ferrer se correspondeu com diversos livres-pensadores do período pedindo para que escrevessem sobre seu tema de especialização ou indicassem materiais sobre os mesmos que correspondessem ao racionalismo pedagógico. Muitos deles de orientação anarquista, como Reclus, Kropotkin, Malato, Grave, Clemência Jacquinet e Paraf-Javel. Sobre o tema, ver: SILVA, Rodrigo Rosa da. *Anarquismo, Ciência e Educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)*. Tese (Doutorado), USP, São Paulo, 2013.

13 FERRER, op. cit., p. 87.

14 AVILÉS, Juan. *Contra Alfonso XIII: el atentado de Madrid*. In. *Francisco Ferrer y Guardia – Pedagogo, anarquista y mártir*. Marcial Pons Historia (Versão Ebook Kindle), Madrid, 2006, posição 2075 a 2503 de 3876.

o exilado Ferrer fundou a Liga Internacional para a Educação Racionalista na tentativa de difundir sua pedagogia.

Em 1909, tendo retornado à Espanha por questões familiares, o educador fora preso sob a acusação de ter sido o incitador intelectual do que ficou conhecido por Semana Trágica de Barcelona, revolta ocorrida nesta e em cidades vizinhas em julho daquele ano. A acusação tinha como alvo a luta de Ferrer pelos direitos da classe trabalhadora e de sua defesa por uma educação independente da Igreja e do Estado, bem como de sua relação com membros do movimento operário espanhol. Submetido a um tribunal de guerra em uma audiência a portas fechadas, o catalão foi julgado por suposta autoria e liderança dos acontecimentos de julho e condenado à morte. Mesmo sem provas suficientes que assegurassem as denúncias, Ferrer foi fuzilado no dia 13 de outubro. O óbito do educador, entretanto, repercutiu na continuação de seu projeto, senão na expansão daquilo que começara em vida. Como será visto, o fechamento de sua escola em Barcelona já havia causado eco internacional na imprensa, inclusive em terras brasileiras, e o impacto não fora menor em relação à sua prisão compulsória e a consequente execução polêmica. Com o fuzilamento de Ferrer, o mundo ocidental assistiu a uma onda de fundações de escolas modernas nos mesmos moldes de sua proposta, inclusive no Brasil.

A instauração da República brasileira completava, em 1909, vinte anos. Algumas cidades como o Distrito Federal (Rio de Janeiro) e São Paulo, mais expostas ao turbilhão de mudanças urbanas que se seguiram ao ciclo do café, foram palco, na primeira metade do século XX, da coexistência contrastante de elementos da tradição colonial e da modernidade que começava a ser imposta nos principais centros comerciais do país¹⁵. Nestas cidades, sobretudo, o deslumbramento e a crença no progresso conviviam com o pavor em relação ao desmoronamento da ordem reconhecida. Passaram a surgir novas formas de segregação e as relações sociais apresentaram-se cada vez mais mediadas por padrões econômicos e mercantis¹⁶. A nova dinâmica mundial decorrente dos efeitos globais da revolução científico-tecnológica de fins do século XIX nas economias agroexportadoras como o Brasil, somada à política especulativa (encilhamento) e às pressões comerciais da Inglaterra durante todo o século XIX e do gradativo, mas inexorável aumento mundial da demanda pelo consumo do

15 As cidades do Rio de Janeiro e, depois, São Paulo viviam a chamada *Belle Époque tropical*. Ver: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Brasiliense, 1983; e NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

16 Sobre imprensa na República, ver: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed, Rio de Janeiro: Mauad, 1999. Sobre o contexto do período, Cf. SEVCENKO, op. cit.

café¹⁷, fez emergir um debate sobre a substituição da mão-de-obra escrava por assalariada, em que venceu a tese imigrantista¹⁸.

Nessa disputa, foram excluídos principalmente os trabalhadores africanos, seus descendentes nascidos no Brasil e mestiços, tanto os livres como ex-escravos. De acordo com a tese de Célia Maria Marinho de Azevedo, o fator racial foi central na definição da política de substituição da mão-de-obra escrava por assalariada. Os grupos que defendiam a imigração europeia no lugar da simples conversão de escravos em assalariados, acreditavam no poder “branqueador” da população por meio da miscigenação com europeus brancos e a consequente “evolução” da nação, sempre de acordo com as muito acreditadas teorias científicas raciais da época, o que configurava um projeto não apenas de viés econômico, mas também de viés racista. As expectativas de uma profunda remodelação da sociedade com a abolição da escravatura (1888) e com a mudança de regime (1889) logo se frustraram. Ampliou-se o abismo entre o mundo da elite e a realidade da maioria da população, cada vez mais pobre. Aqueles que se envolveram no movimento republicano na esperança de obter a garantia de direitos políticos e sociais ou a regulamentação do trabalho pela organização institucional dos trabalhadores, logo se decepcionaram com os desdobramentos da República. Os grupos insatisfeitos passaram a buscar saídas aderindo tanto a projetos que pretendiam devolver os rumos aos diversos projetos republicanos em disputa¹⁹, como a ideais que iam além deles, abrindo espaço para a difusão de movimentos socialistas e anarquistas em certas regiões do Brasil, sobretudo naquelas em que a imigração no meio urbano foi mais significativa, como São Paulo²⁰.

Estudiosos da história do movimento dos trabalhadores, como Sheldon Maran e Francisco Foot Hardmann, convergem acerca da ideia de que a corrente anarquista foi a “força ideológica mais influente no movimento operário brasileiro”²¹ no início da República.

17 HOLLOWAY, H. Thomas. *Imigrantes para o Café*. Café e Sociedade em São Paulo, 1886-1934. Rio, Paz e Terra, 1984.

18 O vocábulo foi utilizado em referência ao trabalho de Célia Maria Azevedo. Em termos bastante gerais a autora fala em duas principais teses: “emancipacionistas”, defensores da integralização dos ex-escravos como mão de obra livre e assalariada, e “imigrantistas”, defensores da imigração do europeu branco para trabalhar nas lavouras e indústrias. Azevedo fala ainda dos “abolicionistas”, tese de menor peso que defendia que os ex-escravos fossem “devolvidos” ao continente africano. Cf. AZEVEDO, Célia Maria. *Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites, século XIX*. SP: Annablume, 2004.

19 Não cabe discutir aqui, mas havia mais de um projeto republicano em disputa. Para saber mais: CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

20 O que não quer dizer que tais doutrinas tenham sido iniciadas ou estejam ligadas apenas a tais grupos, embora eles tenham ajudado na sua consolidação no país. Ver: BATALHA, Claudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

21 MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*, Rio, Paz e Terra, 1979, p. 73. Hardman (1984) afirma em *Nem Pátria, Nem Patrão!* que entre os anos de 1906 e 1920

Entretanto, o historiador Claudio Batalha alerta para esta característica como algo que dizia respeito primordialmente ao movimento operário paulista, tomado muitas vezes como “principal base empírica para a construção do paradigma anarquista”²² no Brasil. Todavia, há divergências em relação à leitura historiográfica do projeto libertário. Enquanto importantes trabalhos sobre o tema realizados antes da década de 1980 tendem a ler o anarquismo por uma ótica que o desqualifica como uma fase de suposta imaturidade do movimento operário²³, os trabalhos posteriores, influenciados pelos estudos de Edward Thompson e Eric Hobsbawm, não só ampliaram os enfoques e temas historiográficos, como as próprias fontes, mudando a ótica pela qual eram estudados os trabalhadores e passando a considerar as experiências destes, inclusive as de tendência libertária. É principalmente nesta historiografia, que valoriza o papel dos militantes anarquistas para a organização do movimento operário da Primeira República, que se inspira este trabalho.

A cidade de São Paulo teve altos índices de mão-de-obra estrangeira empregada durante a Primeira República²⁴, o que pode explicar a extensa participação dos imigrantes no movimento operário paulistano, onde muitos assumiram papéis de liderança ou se constituíram como importantes figuras daquele²⁵. Outro fator de destaque para um trabalho que se debruça sobre um impresso periódico é o fato de muitos destes imigrantes terem estado envolvidos no processo de constituição da imprensa gráfica em São Paulo, a qual “desempenhou função importante na construção do movimento operário”²⁶. Naquele momento, o principal meio de comunicação, ação e propaganda do movimento anarquista era precisamente a imprensa operária. Como pontua Frederico Bartz,

houve a presença significativa do anarcossindicalismo no Brasil, o qual, para o autor, teve papel decisivo na relativa autonomia cultural da classe operária do período, devido à sua autonomia associativa

22 BATALHA, Claudio. *Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República*. ANPOCS, Caxambu, 1989, p. 2. Batalha define enquanto “paradigma anarquista” a ideia construída por parte da historiografia sobre o movimento operário de que a ideologia predominante sobre os trabalhadores do início da República seria o anarquismo, tenha sido essa influência colocada como positiva ou não. Mas o autor demonstra como essa influência dizia respeito primordialmente ao operariado paulista, e não brasileiro como um todo.

23 Podem ser tomados como exemplos os estudos de Boris Fausto (1978), *Trabalho urbano e conflito social* e de Sheldon Maran (1979), *Anarquistas, imigrantes e movimento operário*, que, apesar da referida leitura sobre a ideologia anarquista e sua relação com o movimento operário, são trabalhos importantes e pioneiros em relação à história do mesmo.

24 MARAM, op. cit., p.13-27.

25 Mesmo Edgard Leuenroth – diretor de *A Lanterna* em sua segunda fase –, brasileiro devido à mãe, era filho de imigrante alemão. Entretanto, importa ressaltar o debate historiográfico que demonstra a impossibilidade de estabelecer uma conexão direta entre opções sindicais e origem étnica na Primeira República. Ver: BATALHA, op. cit., 1989 e PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael M. (orgs.). *Alargando a história da classe operária: organização, lutas e controle*. Coleção Remate de Males, n.5, p.95-105, 1988.

26 MARAM, op. cit., p. 89.

O jornal servia como elemento agregador, por isso é tão representativo das elaborações teóricas deste período. No jornal operário as lideranças se faziam ouvir, através de uma voz que, muitas vezes, não alcançava diretamente a rua, mas poderia passar de boca em boca, levada por aqueles que estavam pisando no chão da fábrica, nos botecos ou nas vielas dos bairros operários²⁷.

Diversos periódicos foram fundados na capital paulista, alguns alcançaram expressiva circulação pelo país e por meio desta imprensa se difundiram os preceitos educacionais anarquistas além de ter se dado a criação de redes de defesa, apoio e propaganda das Escolas Modernas. Por meio do contato com núcleos libertários no exterior, os militantes ligados à imprensa recebiam livros, periódicos e revistas que eram colocados à venda nas redações dos jornais ou distribuídos pelos Centros de Estudos Sociais²⁸. Estudos precursores acerca da educação e cultura libertária no Brasil, como os de Flávio Luizetto, Regina Célia Jomini, José Damiro de Moraes e Silvio Gallo – que também tratam da pedagogia racionalista de Ferrer em terras brasileiras –, chamam a atenção para o papel da imprensa operária na difusão dos preceitos libertários de educação²⁹. Dentre os periódicos utilizados pelos historiadores como fonte em seus trabalhos está *A Lanterna*, primordialmente as duas primeiras fases do jornal anticlerical. Largamente estudado pela historiografia, especialmente como fonte para a pesquisa sobre o movimento operário na Primeira República brasileira, o periódico em questão se constitui como um rico material de análise para pesquisadores, tendo em vista a ampla gama de temáticas abordadas e de grupos aglutinados em torno da iniciativa.

Fundado no ano de 1901 na capital paulista, o primeiro número do jornal *A Lanterna* foi publicado no dia 7 de março e se apresentava como órgão da Liga Anticlerical de São Paulo. Com uma tiragem inicial, segundo o mesmo, de 10 mil exemplares, a folha foi distribuída gratuitamente até seu oitavo número. Na edição seguinte, passou a ser cobrada uma taxa de 100 réis o avulso e oferecidas assinaturas trimestrais, semestrais e anuais nos respectivos valores de 3 mil, 5 mil e 10 mil réis. Os valores eram destinados a ajudar no

27 BARTZ, F. *Movimento operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922*. Tese (Doutorado em História), UFRGS, Porto Alegre, 2014, p. 28.

28 Sobre imprensa operária e movimento anarquista, ver: MARQUES, Carlos. *A imprensa libertária: jornalismo operário e resistência anarquista na primeira década do século XX*. Antíteses, 2012, 5 (10), sobre a caracterização desta imprensa frente aos outros tipos de imprensa, ver: FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1988. Em relação à difusão dos preceitos educacionais anarquistas na imprensa operária, Cf. LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX*. Revista Educação e Sociedade, 12 (1982): 61-79.

29 Ver, por exemplo: LUIZETTO, op. cit. 1982; JOMINI, Regina Célia Mazoni. *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha*. Campinas: Pontes, 1990; GALLO, Silvio. *Educação anarquista: por uma pedagogia do risco*. Mestrado em Educação. Campinas: Unicamp, 1990; MORAES, José Damiro de. *A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos centros de cultura social*. Mestrado em Educação. Campinas: Unicamp, 1999.

custeio da produção e impressão, já que o sistema de subscrição voluntária funcionava de forma irregular e não permitia uma publicação semanal. O valor de 100 réis no avulso era o mesmo cobrado por jornais da imprensa operária, como a *Folha do Povo* e *A Terra Livre*, que, apesar de serem publicados com um menor número de páginas, eram vendidos pelo mesmo custo do avulso de jornais da grande imprensa. Para se ter uma ideia, a assinatura anual de um jornal da grande imprensa da época, como *O Estado de S. Paulo* e o *Correio Paulistano*, era de 28 mil e 30 mil réis, respectivamente. Entre os similares de *A Lanterna*, pode-se dar como exemplo a *Folha do Povo*, *A Terra Livre* e *La Battaglia* com assinaturas anuais de 6 mil, 7 mil e 10 mil réis, nesta ordem.

Com um programa declaradamente anticlerical, a redação fez questão de dizer que *A Lanterna* não se tratava de uma folha de combate aos padres estrangeiros, mas a “quem vestir uma batina, seja ele brasileiro ou estrangeiro”³⁰, uma alusão à presença de inúmeras missões religiosas do exterior no país, muito comuns sobretudo depois da Reforma Ultramontana³¹, de cunho radicalmente conservador. O endereço da redação, Rua da Quitanda, n.2 (sobrado), era também o endereço do escritório de advocacia de seu diretor, Benjamin Mota. A intensa trajetória deste advogado e militante anarquista na imprensa começou cedo, já aos 20 anos, como redator no jornal carioca, e um dos matutinos de maior projeção da época, *O Paiz* (RJ, 1884-1930), que contava com pautas de cunho republicano, abolicionista e antimonarquista. Posteriormente Mota colaborou com diversos outros títulos da imprensa combatente ou não, ocupando diferentes funções nas respectivas redações³².

Ponto de destaque em sua trajetória foi o período, entre 1890 e 1896, que passou na Europa. Isso porque, segundo biografia de autoria da historiadora Rose Brito³³, o interesse do advogado pelas questões sociais teria sido intensificado durante essa época. Na França, Mota teve contato com as teorias positivistas que circulavam em toda a Europa de finais do século

30 *A Lanterna*, São Paulo, 24 de junho de 1901, p.1.

31 Organização político-doutrinária da Igreja Católica baseada primordialmente nas encíclicas *Quanta Cura* e *Syllabus Errorum* (1864), que condenavam os chamados “erros modernos”, dentre os quais o racionalismo, a maçonaria, a separação entre a Igreja e o Estado e a liberdade de imprensa. Estabelecendo em Roma sua principal referência, o ultramontanismo reforçava a centralização do poder eclesiástico na figura do papa, a ponto de determinar o dogma da infalibilidade papal. O historiador Alex Moreira Andrade enxerga no esforço de unidade da Igreja o efeito mais imediato do ultramontanismo no Brasil. A tal esforço teria se contraposto, desde fins do século XIX, uma frente formada por positivistas, maçons, protestantes e liberais. Ver: ANDRADE, Alex Moreira. *A maçonaria no Brasil (1863-1901): poder, cultura e ideias – como uma sociedade secreta conquistou a influência, ajudou a formular ideias, aprovar leis, formou valores, alçou cargos e se transformou no centro de difusão do Iluminismo no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2016; e MICELI, Sérgio P. de Barros. *A elite eclesiástica brasileira* (1890-1930). Tese (Livre-docência em sociologia). UNICAMP, Campinas, 1985.

32 Como *O Jornal do Comércio de São Paulo*, *O Brasil*, *Gil Blas*, *O Rebate*, *O Amigo do Povo*, *Avanti!*, *A Lanterna*, dentre outros.

33 BRITO, Rose. *No rastro de Benjamim Mota: A defesa das leis sociais e direitos políticos na Primeira República* (1901-1904). Dissertação (Direito), UFSC, Florianópolis, 2016.

XIX (que também já chegavam ao Brasil por obra de um dos grupos engajados com a pauta republicana), o que, para Brito, pode ajudar a explicar “a defesa do evolucionismo-cientificista presente nos livros *Rebeldias* (1891) e *A razão contra a fé* (1900)”³⁴, de sua autoria. De volta à capital paulista em 1897, Mota passou a trabalhar como editor no jornal *O Rebate*, cargo do qual seria afastado cerca de um ano depois, quando aderiu abertamente ao anarquismo em um manifesto publicado no periódico onde afirmava ser contrário aos ideais republicanos.

Ademais, o advogado seria também, de acordo com o historiador Antonio Cleber Rudy, o responsável pela fundação da primeira liga anticlerical da qual se tem notícias em terras brasileiras³⁵. No ano de 1899 um manifesto com a assinatura de Mota e outros 45 correligionários, dentre os quais Luís Pereira Barreto (médico e filósofo), José Bertoni (hoteleiro e comerciante), Pedro Chiquet Filho (tenente) e João Baptista Endrizzi (dono da Casa Endrizzi – tipografia e livraria), lançava as bases da Liga Anticlerical de São Paulo³⁶. Poucos são os trabalhos historiográficos dedicados ao estudo do anticlericalismo na Primeira República, mais escassos ainda aqueles que se debruçaram sobre as Ligas Anticlericais. Destaca-se aqui o panorama realizado por Rudy em seu *O Anticlericalismo sob o manto da República*, em que o historiador elenca diversas organizações anticlericais e de livre pensamento do referido período, lançando luz sobre este tema tão pouco explorado até então.

A primeira organização anticlerical que tomou pra si o título de liga foi fundada em Paris no ano de 1879 pelo jornalista Léo Taxil. No Brasil, a organização anticlerical conta com sua primeira liga vinte anos depois, na cidade de São Paulo. Como pontua Rudy,

nem só de publicações de jornais se alimentou o impulso anticlerical. É certo que, no Brasil, a organização das ligas – usadas como ferramentas de luta desde o final do século XIX – desempenhou um papel crucial na canalização dos esforços de inúmeras tendências, em prol de uma unidade coesa de luta contra a Igreja e os seus agentes.³⁷

O nome de Benjamin Mota à frente da iniciativa possivelmente guarda relação com as experiências do período em que o advogado viveu na França. O caldo político-cultural com o qual Mota teve contato em Paris foi o mesmo de seu contemporâneo Ferrer y Guardia, que àquela altura já morava na capital francesa havia cerca de dez anos. O país europeu, que vivia

34 Ibid., p.78.

35 RUDY, A. *O anticlericalismo sob o manto da República: Tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)*. Tese (Doutorado em História), UNICAMP, Campinas, 2017.

36 Ibid., p.54.

37 Ibid., p.25.

sua Terceira República, assistia a ascensão de um sentimento laico e progressista, com a disseminação de teorias positivistas e de ideais políticos mais radicais, como o socialismo e o anarquismo. Nesse período, a França testemunha o surgimento de sua primeira liga anticlerical, como visto, além de vivenciar uma mudança fundamental no tradicional rito ecumênico maçônico. No ano de 1877 o Grande Oriente da França retirou de seus estatutos a obrigação da crença em deus, na imortalidade da alma e o juramento de iniciação feito sobre a bíblia, promovendo assim “relevantes mudanças na moldura organizacional de suas lojas, permitindo a congregação de segmentos políticos distintos”³⁸, caminho posteriormente seguido por diversas lojas em países europeus e ibero-americanos. Desse sentimento antirreligioso dentro da maçonaria partilhava Benjamin Mota.

Apesar de a Liga Anticlerical Brasileira, cujo manifesto data de 13 de junho de 1899, parecer não ter tido efetiva organização e concretude, o jornal *A Lanterna*, que perde o subtítulo de órgão da liga já no seu segundo ano, se configurou como um dos periódicos mais importantes do movimento anticlerical do período. Em 1904, *A Lanterna* fecha as portas e a próxima notícia sobre a Liga Anticlerical só aparece na segunda fase da folha, no ano de 1911. Neste período, outras ligas também começam a se reorganizar em todo o país. De acordo com Rudy, “as tensões ocasionadas pelo assassinato de Ferrer, seguido do caso Idalina e dos reflexos da Proclamação da República em Portugal, resultou em grande incidência de novas associações anticlericais e livre-pensadoras (sic)”³⁹. Segundo um levantamento pioneiro realizado pelo mesmo em sua tese de doutorado, foram fundadas ao menos 38 sociedades deste tipo em todo o Brasil entre os anos de 1910 e 1914, evidenciado a projeção nacional do movimento no período, cujo epicentro era o sudeste do país. Novamente a liga paulista tem como um de seus principais representantes o “advogado, jornalista, anarquista e maçom”⁴⁰ Benjamin Mota. Sobre essa figura, Rudy pontua:

Por esse papel relevante enquanto agitador e publicista, Benjamim Mota seria laureado como um dos ilustres militantes da causa do livre-pensamento e do anticlericalismo no Brasil, obtendo, inclusive, o reconhecimento de agrupamentos internacionais, tais como a *Federación Internacional de Librepensadores en España, Portugal y América Ibera*⁴¹.

Quando o jornal anticlerical voltou a circular, no ano de 1909, Benjamin Mota já não estava à frente da iniciativa. Entretanto, mesmo depois de cinco anos sem publicações, ao

38 Ibid., p.40.

39 RUDY, op. cit., p. 180.

40 Ibid., p.36.

41 Ibid., p.55.

reabrir em uma segunda fase sob os auspícios do tipógrafo e também militante anarquista Edgard Leuenroth⁴², a bandeira levantada pelo periódico continuaria inalterada: a do anticlericalismo. Segundo o próprio jornal, seu objetivo ainda era o de “desvendar todas as patifarias clericais e trabalhar pela emancipação da consciência humana”⁴³. Para o historiador da educação Fernando Antônio Peres⁴⁴, as duas primeiras fases de *A Lanterna* seriam um caso exemplar das aproximações feitas pelos anarquistas de São Paulo durante a Primeira República. Com a hipótese de que as iniciativas educacionais escolares foram as principais manifestações dos grupos sob influência do ideário anarquista, Peres traçou importantes ligações do grupo editor do jornal em sua segunda fase com grupos anticlericais diversos, bem como suas estratégias de aproximação, e a importante mudança de projeto de folha “anticlerical” para “de combate” nos últimos anos, evidenciando a ampliação de seu escopo e abrangência.

Utilizando *A Lanterna* como uma de suas principais fontes, Douglas Barh Leutprecht traçou um importante panorama sobre a fundação da Escola Moderna Nº1 de São Paulo que pode ajudar a entender também a recepção singular das ideias e da figura de Francisco Ferrer y Guardia no Brasil no periódico anticlerical, bem como a repercussão de seus ideais, que encontraram na fundação das escolas modernas de São Paulo uma importante concretização. Nesse mesmo sentido, trabalhos como os de Isabel Bilhão, Caroline Poletto e Carlos Neres dos Santos, no campo da história da imprensa, se configuram como importantes referências⁴⁵. Bilhão fez a análise da difusão do ensino racionalista em três jornais anarquistas, dentre eles *A Lanterna*, onde observou os argumentos em defesa do racionalismo pedagógico em suas relações com a construção da imagem e da memória de Ferrer. A autora trouxe importantes

42 Nascido em Mogi Mirim no ano de 1881, Edgard Frederico Leuenroth era filho de mãe brasileira e pai alemão. Autodidata, perdeu o pai ainda bebê e mudou-se com a família para a capital paulista na infância, onde se instalaram no bairro do Brás. Tendo iniciado sua participação na imprensa muito jovem, Edgar Leuenroth trabalhou no *O Comércio de São Paulo* como tirador de provas já aos 15 anos, tornado-se posteriormente tipógrafo. Aos 16 fundava seu primeiro jornal *O Boi*, onde já defendia uma imprensa livre e o livre-pensamento. Como Mota, também flertou com o republicanismo e mais tarde com o socialismo, mas foi no anarquismo que se encontrou. Engajou-se na imprensa libertária em 1905 como co-fundador e redator do periódico *A Terra Livre*, junto de Neno Vasco e Mota Assunção. Militante anarquista ativo e ateu convicto e declarado, Leuenroth foi preso diversas vezes durante sua vida e esteve à frente de periódicos, congressos operários, associações de trabalhadores e greves operárias.

43 *A Lanterna – Folha Anticlerical de Combate*, 17 de outubro de 1909, p.1.

44 PERES, Fernando *A Estratégias de aproximação: um outro olhar sobre educação anarquista em São Paulo na Primeira República*. Dissertação (Mestrado), FFLCH-SP, 2004.

45 Ver: BILHÃO, Isabel. *Pela educação lutaremos o bom combate: a instrução operária como um campo de disputas entre católicos e anarquistas na primeira república*. Revista História da Educação, 2015; SANTOS, Carlos Neres dos. *Sob a luz dos infames – Anticlericalismo nas imagens do jornal A Lanterna – Folha Anticlerical de Combate* (São Paulo, 1909-1916). Dissertação (Mestrado), UNESP, Franca, 2019 e POLETTO, Caroline. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: Imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)*. Tese (Doutorado em História). UNISINOS, São Leopoldo, 2017.

contribuições para o estudo da construção do mártir Ferrer em *A Lanterna*, mas seu trabalho tem um recorte amplo, abarcando ainda dois outros jornais, e pouco desenvolvido, por ser um artigo. Assim, a relação entre *A Lanterna* e a representação de Ferrer não é aprofundada e ficam abertas muitas lacunas⁴⁶.

Já a historiadora Caroline Poletto trabalhou em sua tese a constituição de um imaginário subversivo próprio da imprensa anarquista e anticlerical espanhola, argentina e brasileira, de 1897 a 1936. Dentre as publicações estudadas está *A Lanterna*, onde a autora analisa poesias, imagens e contos. Poletto dá enfoque ao anticlericalismo e ao evento do 1º de Maio, temáticas principais para a criação e manutenção desse repertório simbólico, de acordo com a autora. Além disso, a historiadora desenvolve seu trabalho no âmbito de uma história transnacional, indicando para a circulação de artefatos culturais por meio dessa imprensa. Seu trabalho se configura como referência fundamental tanto por seu estudo precursor na utilização de imagens como fontes para a história da imprensa – como também se pretende trabalhar aqui –, quanto pela articulação do seu tema com a questão transnacional e com o anticlericalismo. Também Carlos Neres trabalha com fontes iconográficas. O historiador visa entender, na segunda fase de *A Lanterna*, a função das caricaturas na estratégia de combate do jornal ao clericalismo. Nesse sentido, além de trazerem importantes contribuições metodológicas no trato com a fonte, estes trabalhos se configuram como referências para pensar *A Lanterna* em um contexto anticlerical brasileiro e mundial.

No que tange à historiografia sobre anticlericalismo no Brasil, pode-se considerá-la ainda escassa. Mesmo em trabalhos sobre o movimento operário a temática foi tratada de maneira secundária. Entretanto, alguns estudos recentes têm se debruçado sobre o tema, dentre eles são centrais para este trabalho os de Walter Oliveira, que trata sobre anticlericalismo, anarquismo e representações do feminino e do masculino nas folhas de *A Lanterna*, e os já citados trabalhos de Antônio Rudy, Fernando Peres, Caroline Poletto e Carlos Neres dos Santos⁴⁷. Os autores chamam a atenção para a tendência de um anticlericalismo ateu em *A Lanterna*, fruto da íntima ligação do jornal com o anarquismo. Apesar disso, especialmente nos primeiros anos de sua segunda fase, o periódico buscou

46 Bilhão escreveu diversos artigos sobre o tema da educação libertária no início da República, sem, entretanto, se aprofundar largamente no caso paulista. Ainda assim, trouxe importantes reflexões e referências. Outro trabalho fundamental da autora para o desenvolvimento desta pesquisa é: BILHÃO, I. Pela educação lutaremos o bom combate: a instrução operária como um campo de disputas entre católicos e anarquistas na primeira república. *Revista História da Educação*, 2015.

47 Ver: OLIVEIRA, Walter. *Narrativas à luz d'A "Lanterna": anticlericalismo, anarquismo e representações*. Dissertação (Mestrado em História), PUC/SP, São Paulo, 2008; RUDY, op. cit., 2017; SANTOS, op. cit., 2019; POLETTTO, op. cit., 2017.

aglutinar outros grupos anticlericais em torno de si, como livres-pensadores, uma parcela dos maçons e dos espíritas e mesmo associações liberais. Nesse sentido, Peres aponta para que a morte de Ferrer tenha sido um ponto importante dessas relações “que se processavam entre grupos diferenciados a partir de uma agenda anticlerical – potencializada pelos ‘acontecimentos de Espanha’”⁴⁸:

O discurso da resignação do operariado, a interferência dos clérigos na vida das pessoas e a instrução clerical acusada de inculcar superstições nas crianças incomodavam variados grupos anticlericais, em especial os anarquistas, já que afetavam seu projeto de construção de uma nova sociedade⁴⁹.

Réne Rémond, ao fazer a defesa da importância do estudo do anticlericalismo pelos historiadores, afirma o conceito como um elemento essencial para a compreensão da história moderna. De acordo com o autor, o anticlericalismo não pode ser reduzido à rejeição ao clericalismo. Para Rémond, o anticlericalismo consiste em uma visão particular de verdade, de sociedade e de emancipação humana, tendo servido a diversos grupos enquanto forma de inspiração para a ação⁵⁰. Diferentemente do laicismo, portanto, que apenas rejeita a influência da Igreja na esfera pública, o anticlericalismo compreenderia também, segundo Ricardo Luiz de Souza⁵¹, uma hostilidade declarada ao clericalismo, seja social, política ou religiosa. Desta feita, autores que se debruçaram sobre o tema, dentre os quais Luís Machado de Abreu em seu *Ensaio Anticlericais*⁵², identificam diferentes categorias de anticlericalismo. Podendo ter caráter interno – de dentro da própria Igreja –, ou externo, sendo este expresso política, religiosa ou até revolucionariamente, as diferentes categorias de anticlericalismo constantemente se confundem. No Brasil de finais do século XIX e início do XX, o conceito foi fortemente marcado pela repulsa ao ultramontanismo e ao jesuitismo⁵³, ascendendo um anticlericalismo de forte cunho político e de estreitas ligações com o positivismo⁵⁴.

48 PERES, op. cit., p.88.

49 OLIVEIRA, op. cit., p.47.

50 RÉMOND, René. Anticlericalism: some reflections by way of introduction. *European Studies Review*. SAGE, London, Beverly Hills and New Delhi, Vol.13, 1983, p.121-126.

51 SOUZA, Ricardo Luiz de. O anticlericalismo na cultura brasileira: da Colônia à República. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n.37, p.175-199, abril de 2005.

52 ABREU, Luís Machado. *Ensaio anticlericais*. Lisboa: Roma, 2004.

53 Jesuítas são os membros da Companhia de Jesus, ordem religiosa pertencente à Igreja Católica e fundada por Inácio de Loyola em 1534. Primeira ordem religiosa a chegar ao Brasil, em 1549, foi responsável pela catequização dos povos originários. Em *A Lanterna* o termo é utilizado de forma pejorativa e se refere a todo e qualquer membro ou apoiador da Igreja católica, independente de sua ordem ou lugar na hierarquia da Igreja.

54 RUDY, op. cit.. Além de filiações literárias com o positivismo de Auguste Comte e Ernest Renan, Rudy também identifica aproximações do anticlericalismo brasileiro com o naturalismo literário de Eça de Queiroz e Émile Zolá, citando as obras *O Crime do Padre Amaro* (1875) e *O Crime do Padre Mouret* (1875) dos respectivos escritores.

O anticlericalismo do jornal *A Lanterna* muitas vezes manifestava um caráter antirreligioso, o que pode ser explicado pela própria concepção libertária de poder que recusa a autoridade, e conseqüentemente a religião, mesmo na esfera privada⁵⁵. Rudy, ao discorrer sobre os temas da propaganda anticlerical na Primeira República ressalta que aquela levada a cabo pelos anarquistas “objetivava apresentar a Igreja, as religiões e os seus ministros como aspectos negativos da sociedade, em que, especialmente os padres, foram identificados como os verdadeiros inimigos do povo e/ou do operariado”⁵⁶. Nesse sentido, é possível afirmar que *A Lanterna* promoveu uma disputa de *representações*. Segundo Roger Chartier, que teorizou o conceito de representação, no âmbito de uma história cultural “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”⁵⁷.

Assim como concebe Chartier, defende-se não ser a leitura uma atividade passiva, mas “prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou fazedores de livros”⁵⁸. Deste modo, a leitura permite interpretações, reapropriações e mesmo resistência por parte dos leitores. Desta feita, é possível perceber através do estudo das representações feitas da figura de Ferrer, como a recepção (leitura) à obra do catalão e também de outros teóricos anarquistas, não é passiva em *A Lanterna*. Como tem sido visto, as ideias de Ferrer y Guardia e sua iniciativa educacional foram apropriadas e adaptadas ao contexto brasileiro e paulistano. Defende-se, ademais, que isso aconteceu com a própria figura do educador espanhol no jornal anticlerical.

Deste modo, justifica-se a utilização do periódico *A Lanterna – Folha anticlerical de combate* como fonte principal e objeto de estudo deste trabalho, a fim de preencher uma lacuna historiográfica buscando entender como se deu não apenas a circulação, mas também a recepção, aclimatação e conseqüente apropriação não apenas dos ideais, mas da própria figura de Francisco Ferrer y Guardia no Brasil, especialmente na capital paulista. Trabalha-se com a ideia de que a recepção de Ferrer é singular no Brasil no periódico *A Lanterna*, que trava dentre seus próprios colaboradores e também com órgãos da imprensa conservadora e católica, uma disputa de representações em torno da figura do educador. A principal hipótese

55 Sobre a concepção anarquista de poder, ver: RAGO, Margareth. *Do cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. RJ: Paz e Terra, 1985.

56 RUDY, op. cit., p.143.

57 CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

58 Ibid., p.123.

levantada é a de que, como consequência dessa disputa de representações, *A Lanterna* alça Ferrer à estatura de um *mito político*, nos termos circunscritos por Raoul Girardet. De acordo com o historiador, o mito político se estrutura e se afirma em uma tripla dimensão: como fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real; como explicador do real, fornecendo chaves para a explicação do presente; e também como mobilizador para a ação⁵⁹. Procura-se demonstrar, assim, além das estratégias de construção desse mito, em prol de quais pautas o periódico anticlerical o evoca e utiliza. A principal hipótese é a de que o mito Ferrer, em *A Lanterna*, serviu à causa anticlerical do jornal, especialmente àquela de verve anarquista.

Finalmente, importa ainda ressaltar o aspecto essencialmente transnacional do estudo do tema proposto. Já na década de oitenta do século passado René Rémond saía em defesa de estudos de História Comparada para pensar o anticlericalismo na Europa, destacando o internacionalismo do conceito. Como argumento para a “solidariedade internacional” mobilizada pelo anticlericalismo na história moderna europeia, Rémond cita o que ele denomina enquanto “*affaires anticlericais*” que mobilizaram a opinião pública no continente europeu, dentre eles a execução de Francisco Ferrer y Guardia⁶⁰ na Espanha. As recentes pesquisas sobre história transnacional evocam a utilização de uma História Global como desdobramento da História Comparada, defendendo o estudo das transferências culturais como superação do comparatismo tradicional⁶¹. Por *transnacional* toma-se aqui a definição de “aquilo que vai 'além das fronteiras', o que implica, segundo o próprio termo, mudança, transformação e até negação”⁶². De acordo com essa premissa, o foco central dos pesquisadores desta área deve residir nas trocas, definidas como “eminentemente culturais”. Nesse sentido, o uso do conceito de *transferências culturais*, de Michel Espagne, torna-se crucial. As transferências culturais seriam uma espécie de “tradução cultural”, entendendo que há uma apropriação e consequente modificação, feita pelos mediadores, na recepção. De acordo com Espagne,

Observaremos, em particular, a transformação que uma importação cultural produz no contexto de recepção e, inversamente, o efeito positivo desse contexto de recepção sobre o sentido do objeto. (...) Uma tradução não tem menos legitimidade ou originalidade que seu modelo. A transposição dos objetos culturais não significa

59 GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. Lúcia Maria Machado. São Paulo: Cias das Letras, 1987.

60 RÉMOND, op. cit., p.122.

61 GUIMARÃES, Valéria. Da história comparada à história global: imprensa transnacional e o exemplo do Le Messenger de São Paulo. *Revista IHGB*, Rio de Janeiro, a. 176 (466):87-120, jan./mar. 2015.

62 Ibid., p. 91.

uma perda [mas uma construção nova] (...), um dos pressupostos básicos da pesquisa sobre as transferências culturais⁶³.

Assim, estudar a representação de um educador espanhol e a repercussão de suas ideias em um jornal anticlerical e anarquista paulistano insere este trabalho no âmbito de uma história transnacional, tanto pelo tema, quanto pelo circuito de comunicação e trocas de conteúdos que alguns historiadores já vêm demonstrando ter existido entre *A Lanterna* e periódicos libertários e anticlericais de outros países⁶⁴. Considerando o movimento operário como essencialmente transnacional, não é de estranhar que suas pautas tenham circulação para além das fronteiras em que foram produzidas, dado seu caráter universal na denúncia da exploração dos trabalhadores, pondo a circular ideias, imagens e seus suportes, além da também intensa circulação de pessoas e da formação de complexas redes globais de informação. No caso deste trabalho, portanto, os mediadores são tanto as pessoas, aqui personificadas no grupo editor e seus colaboradores, como a instituição em si, ou seja, o próprio periódico *A Lanterna*. Por conseguinte, o foco da análise reside na ideia de como a mitificação de Ferrer e a repercussão de suas ideias no jornal propiciou um processo de adaptação e modificação para o contexto paulistano, ou seja, a análise tem ênfase na circulação e na recepção nacional da figura de Ferrer. Deste modo, o conceito de Espagne pode ajudar tanto nas perguntas feitas à fonte, quanto dar suporte à hipótese da utilização deste “mito” como forma de expandir a pauta anticlerical do jornal.

Ademais, ressalta-se que as hipóteses deste trabalho não procuram apontar para um esvaziamento do método racionalista de Ferrer y Guardia pelos membros de *A Lanterna* – o que poderia ser considerado uma vez que o jornal eleva a imagem e trajetória de Ferrer a um idealismo transcendente nesta operação de mitifica-lo. Mas, não, ao contrário, entende-se que essa mitificação seria legítima pois tinha como objetivo defender um projeto anticlerical libertário do qual fazia parte a apropriação e propagação do racionalismo científico frente ao ensino clerical ou estatal. Assim, acredita-se que o mito Ferrer também tenha servido de inspiração a todo um projeto de educação anticlerical e racionalista na capital paulista, do qual a *Lanterna* colaborou ativamente, fosse propagandeando, arrecadando fundos ou mesmo com a participação direta de alguns de seus redatores e colaboradores em comissões e comícios de difusão e propaganda em prol da construção de uma Escola Moderna, aos moldes daquela de Ferrer em Barcelona, na cidade de São Paulo.

63 ESPAGNE, Michel. *Transferências culturais e história do livro* [2009]. Trad. Valéria Guimarães. São Paulo: LIVRO, Revista do Núcleo de Estudos do Livro, p.21-34, N.2, agosto/2012. p. 23.

64 Ver, a título de exemplo, os trabalhos de Caroline Poletto e Carlos Neres dos Santos, já citados.

Parte-se também da percepção de que a defesa dos ideais racionalistas e a construção do mártir Ferrer não se deram apenas por palavras nas páginas subversivas e anticlericais da *Lanterna*. Na *belle époque* paulistana, com a modernização da imprensa, a utilização de imagens pelos periódicos foi facilitada. Nesse momento o Estado brasileiro tinha ainda que lidar com o problema do analfabetismo que afetava grande parte da população, principalmente no meio operário, assunto amplamente repercutido nas discussões que se davam por meio dos periódicos. De acordo com Carlos Neres dos Santos, “a estratégia adotada, inspirada em tentativas que já haviam obtido êxito na Europa, foi a adoção do humor e da ilustração no periodismo” para alcançar um público mais amplo⁶⁵, tradição na qual se insere a *Lanterna*, que fez uso constante de imagens em suas páginas. Desta feita, ao longo de todos os capítulos serão analisadas, além de representações textuais, também representações iconográficas de Ferrer y Guardia veiculadas pelo jornal.

Neste ponto, é importante ressaltar as reflexões de Peter Burke sobre a leitura e interpretação de imagens, que, ao defender o uso das mesmas enquanto fonte para a história e como uma importante forma de pista histórica, também chama atenção para o cuidado que se deve ter ao analisá-las. Burke relembra que estas podem ter sido criadas para transmitir mensagens próprias. Ou seja, nem sempre as imagens estavam colocadas de forma a acompanhar o texto, apesar de, recorrentemente, as mensagens textual e imagética se complementarem na imprensa. Entretanto, por vezes, as ilustrações também passavam sozinhas uma mensagem que não necessariamente estava sendo discutida nos artigos publicados ao redor, o que reforça a importância da mensagem passada por meio desse tipo de representação na construção e utilização do mito Ferrer em *A Lanterna*. Além disso, a mensagem imagética também era de crucial importância no jornal devido à sua própria condição de folha operária, que tinha como público-alvo uma parcela da população majoritariamente analfabeta.

O uso de imagens como forma de “doutrinação”, no sentido de comunicação de doutrinas, foi, e ainda é, muito recorrente, tanto religiosa, como politicamente. Não obstante, importantes críticas sobre a ideia de que a iconografia seria capaz de transmitir, sozinha, determinadas mensagens a um público analfabeto – como aquela de que as pinturas em igrejas seriam a Bíblia desta parcela dos fiéis – têm sido feitas. Levanta-se, dentre outros, o problema de que algumas imagens seriam demasiado complexas para serem compreendidas por um público mais simples. A isso Burke contribui com a reflexão de que “tanto a iconografia

65 SANTOS, op. cit., p.47.

quanto as doutrinas que ela ilustrava poderiam ter sido explicadas oralmente pelo clero, a imagem em si [estaria, assim,] agindo como um lembrete e um reforço da mensagem falada, em vez de se constituir em uma única forma de informação”⁶⁶. Assim, importa frisar que, para o público não letrado de *A Lanterna*, algumas dessas ilustrações talvez fizessem mais sentido ou passassem mais satisfatoriamente uma mensagem quando acompanhadas, antes, de uma leitura em voz alta feita por algum companheiro, fosse na porta das fábricas, lugares públicos ou reuniões, ou mesmo do discurso de algum militante em um dos diversos atos e eventos organizados pelas associações operárias, em que folhetos e jornais eram distribuídos.

Entretanto, as imagens não são apenas importantes ferramentas de “doutrinação”, mas também de combate. Utilizadas, por exemplo, pelos protestantes como arma na polêmica religiosa, segundo Peter Burke, as “fontes visuais registraram a Reforma do ponto de vista de pessoas comuns, oferecendo uma perspectiva que raramente é visível nas fontes que eram produzidas por membros da elite letrada”⁶⁷. Para Burke, baseados em um repertório do humor popular tradicional, os protestantes criavam imagens capazes de tornar a igreja católica em uma chacota, ilustrando as teorizações de Mikhail Bakhtin acerca do poderio subversivo do riso. Como visto acima na afirmação de Carlos Neres dos Santos, tal estratégia fora largamente utilizada no periodismo e no próprio jornal *A Lanterna*.

Assim, na análise de imagens na condição de fontes históricas é preciso considerar que há uma articulação entre conteúdo da obra e contexto histórico, tal qual defendeu e teorizou o crítico e historiador da arte alemão Erwin Panofsky. Membro do que Ginzburg classificou em *Mitos, emblemas e sinais* como a segunda geração dos warburgianos⁶⁸, Ernest Gombrich fez caras contribuições ao método panofskyano, dentre as quais a afirmação de que a arte tem uma história. Para Ginzburg, tal enunciado “significa simplesmente ressaltar que as várias manifestações artísticas não são *expressões* sem relação entre si, mas anéis de uma tradição”⁶⁹. Desta feita, faz-se importante tanto a identificação, sempre que possível, dos artistas e dos contextos de criação, circulação e apropriação das obras analisadas, bem como do estabelecimento de séries a partir delas. Segundo Panofsky, “quer lidemos com fenômenos históricos ou naturais, a observação individual assume o caráter de um ‘fato’ somente quando

66 BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004, p.60.

67 Ibid., p.68.

68 Pertencentes ao Instituto Warburg, fundado em Hamburgo no ano de 1929 por Aby Warburg e Fritz Saxl. Inicialmente, objetivava combater abordagens puramente estilísticas na história da arte, propondo uma abordagem interdisciplinar do tema. Segundo a classificação de Ginzburg, Panofsky pertenceria à primeira geração dos warburgianos.

69 Grifo do autor. GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p.86.

for possível relacioná-la com outras observações análogas de tal modo que a série inteira ‘faça sentido’”⁷⁰. A isso, Gombrich contribui acentuando a importância da tradição na história da arte e colocando como papel fundamental desta a “reconstrução dos vínculos e relações de dependência ou contraposição que unem entre si cada uma das obras de arte”⁷¹. É principalmente nessas reflexões teóricas acerca do estudo da iconografia que esta pesquisa se ancora.

Importa ainda ressaltar que antes da análise mais aprofundada das fontes e do desenvolvimento da pesquisa, com extensa leitura bibliográfica e teórica, o foco do trabalho era outro. Como tem sido explicitado, o estudo das representações de Ferrer em *A Lanterna* aponta não apenas para uma martirização do educador, mas, antes, para uma mitificação do personagem no periódico anticlerical – em que a alegoria do mártir é parte integrante. Entretanto, o projeto inaugural desta dissertação visava a análise de publicações da segunda fase de *A Lanterna* a fim de identificar como havia se dado a representação da figura de Ferrer exclusivamente na condição de mártir da educação libertária no jornal. Neste intuito, fora inicialmente feito um levantamento de fontes unicamente textuais que tratavam do educador e sua iniciativa. No entanto, ao longo deste processo ficou perceptível a importância da iconografia na representação de Ferrer em *A Lanterna*, tendo em vista a grande quantidade de fontes iconográficas encontradas que tratavam do educador.

Na oportunidade de contato físico com as fontes no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL- Unicamp), foi possível dimensionar o espaço tomado pela iconografia no periódico e a consequente importância dada à mesma no projeto do jornal. Ademais, o contato com as fontes no AEL permitiu a descoberta de que os números especiais em homenagem a Ferrer não apenas tinham um projeto gráfico-editorial diverso das publicações ordinárias pela maior quantidade de páginas e imagens que carregavam, mas também por terem sido impressos em tamanhos e cores diferentes do usual – o que não foi possível perceber por meio da análise virtual do periódico na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional ou no site do AEL. Assim, levantadas fontes textuais e iconográficas, buscou-se classificá-las e organizá-las em séries para a análise, cujos resultados serão apresentados ao longo do trabalho. Foram tais séries que posteriormente nortearam também a organização desta dissertação, dando origem aos três capítulos aqui presentes e suas respectivas subdivisões.

O primeiro capítulo, intitulado “O clericalismo: eis o inimigo!”, se dedicará a estudar a representação de Ferrer como mito político em *A Lanterna* a partir de duas campanhas

70 PANOFSKY, Erwin. *Estudios sobre iconologia*. Madrid: Alianza, 1972, p.58. Tradução nossa.

71 GINZBURG, op. cit., p.87.

levadas a cabo pelo periódico nos primeiros anos de sua segunda fase: a campanha de defesa da inocência do educador no processo que o condenou à morte, e a campanha em prol da fundação de uma Escola Moderna na capital paulista, inspirada naquela de Ferrer em Barcelona. Compreende-se que a construção da figura do educador catalão na condição de mártir – alegoria componente do imaginário do mito político do salvador, segundo Girardet⁷² – passa, fundamentalmente, pela defesa de sua inocência. Defesa essa que também será importante quando da disputa de sua representação com grupos opositores, como será visto. Ademais, como mártir da educação, é propagada a ideia de que aqueles que quisessem vingar sua morte só poderiam fazê-lo difundindo sua obra. Assim, a campanha em prol da fundação de uma Escola Moderna em São Paulo se torna outro ponto fundamental para entender a representação de Ferrer no jornal, já que este foi um projeto libertário e anticlerical concreto patrocinado pelo periódico.

O segundo capítulo, sob o título de “Em comemoração ao mártir: a efeméride do 13 de Outubro no jornal *A Lanterna*”, visa analisar, justamente, a forma como esse mito positivo da figura do educador, já concretizado na condição de mártir, é celebrada no periódico anticlerical. A data do fuzilamento de Francisco Ferrer se tornou uma efeméride no meio libertário e foi comemorada durante toda a segunda fase de *A Lanterna*. Nos dois primeiros anos, o jornal organizou e publicou números especiais na ocasião – os únicos desse gênero veiculados pelo jornal – com o dobro de páginas e repletos de ilustrações, o que aponta para a importância do educador para o grupo aglutinado em torno do periódico. Assim, buscou-se analisar tanto os números especiais, quanto as capas daqueles que rememoraram Ferrer nos anos seguintes, procurando entender como o catalão fora representado nesta ocasião – dando destaque à disputa interna entre os colaboradores e editores do periódico nas representações veiculadas no 13 de Outubro –, e quais as mudanças e permanências nessa representação ao longo do tempo, especialmente a partir de 1912, com a Campanha contra a Carestia da Vida encabeçada pelo jornal, e a guinada mais social do periódico.

O terceiro e último capítulo, por sua vez, se dedica a pensar a disputa pela representação de Ferrer que a *Lanterna* travou com a grande imprensa e com a imprensa católica, com as quais mantinha ferrenha contenda, se mantendo bravamente na oposição. Intitulado “Nós e os reacionários”, serão analisados excertos do periódico em que os redatores ou seus colaboradores se dedicaram a responder outros jornais a fim de fazer uma defesa de Ferrer y Guardia e de seus ideais. Acredita-se que a representação de Francisco Ferrer

72 GIRARDET, op. cit., p.66.

enquanto um mito passa, fundamentalmente, pela disputa dessa figura com jornais de orientação política conservadora ou religiosa. Isso porque tais veículos de imprensa difundiram largamente sua representação de Ferrer, obviamente negativa, que desprezava e demonizava as ideias do catalão. Observou-se que, se em meio aos anticlericais e livres-pensadores parecia ascender o “mito do perigo jesuíta”, dentre os conservadores e católicos ganhava espaço outro mito, o de uma suposta conspiração judaico-maçônica e, por vezes, anarquista, que deveria igualmente ser combatida, como será demonstrado nas representações depreciativas de Ferrer y Guardia defrontadas em *A Lanterna*. Foi possível perceber, portanto, um mito positivo de Ferrer, o qual o jornal anticlerical tentava construir, mas também a representação do educador como um mito negativo, que os jornais de grandes grupos empresariais ou com o patrocínio de uma instituição do porte da Igreja Católica brasileira (ou seja, contando com muito mais espaço na disputa pela formação de uma opinião pública) procuravam difundir. Os motivos das diferentes representações e os elementos mobilizados nessa disputa são a tônica deste capítulo.

Do mais, vale destacar dentre os temas tangenciados neste trabalho, mas que não foram propriamente abordados, o da circulação transnacional de ideias, objetos e pessoas. Neste domínio, chama-se a atenção principalmente para a circulação de imagens na imprensa periódica e sua conseqüente recepção e apropriação. Como será visto, parte da iconografia veiculada em *A Lanterna* tinha origem estrangeira, o que permite, juntamente de outros fatores, traçar uma rede internacional de comunicação do jornal – que, como destacado acima, já vem sendo demonstrada em alguns trabalhos historiográficos. Assim, acredita-se plausível aprofundar e alargar a análise da iconografia sobre Ferrer levando em conta que transnacionalmente sua figura, bem como sua iniciativa educacional e seus ideais pedagógicos, sofreram “traduções culturais”⁷³ por cada grupo que mediou tais recepções, de acordo com o contexto em que se inseriam. Desta feita, reconhecendo que este trabalho não foi capaz de realizar uma abordagem propriamente transnacional da iconografia sobre Ferrer na imprensa combatente, o aprofundamento desta temática fica como projeto para a próxima fase da pesquisa.

73 ESPAGNE, op. cit., 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início do século XX no Brasil foi um período significativo de disputas de projetos de sociedade, dentre os quais, aqueles encampados por grupos clericais e anticlericais. Nessa refrega, o periódico paulistano *A Lanterna – folha anticlerical de combate* teve papel significativo. Ademais, contendo fortes quadros do movimento operário dentre seus editores e colaboradores, o jornal constantemente deu eco também a questões operárias universais, como a luta pelo direito a condições dignas de vida, trabalho, educação e segurança, temas estes cuja repercussão midiática transnacional incluiu o Brasil em um circuito de discussões de grande alcance, características próprias do movimento internacionalista dos trabalhadores. Dentre elas, esteve a repercussão da notícia da execução do educador catalão Francisco Ferrer y Guardia, evento que logo se tornou simbólico da luta pela educação livre das amarras da Igreja e do Estado e de toda a opressão por parte de grupos ligados a estas instituições que justificavam, cada um em seu campo, a exploração de classes. Responsável pela extensa divulgação do método racionalista de ensino e pela fundação da Escola Moderna de Barcelona, Francisco Ferrer defendia uma educação libertária e anticlerical, livre da influência clerical e estatal. Não à toa, sua iníqua condenação ao fuzilamento não apenas parece ter inspirado a volta das publicações do periódico paulista, como encontrou amplo eco em suas páginas.

Nesta pesquisa, o objetivo foi melhor conhecer a trajetória da repercussão midiática deste evento no Brasil, ou seja, refletir e lançar algumas hipóteses sobre sua produção, circulação, bem como sua recepção, aclimatação e conseqüente apropriação dos ideais, e, em especial, da própria figura de Francisco Ferrer y Guardia por meio da segunda fase do periódico anticlerical *A Lanterna*. Mediante a análise de textos e imagens veiculados no hebdomadário paulistano, percebeu-se uma repercussão singular de Ferrer no Brasil em suas páginas. Ponto de destaque é a importância e o espaço dado à pauta Ferrer no periódico, que passou não somente a construir representações do educador, como a disputá-las tanto interna – dentre seus próprios colaboradores –, como externamente – com outros veículos da imprensa, primordialmente aqueles de cunho conservador, clerical e católico. Neste ponto, ficou patente que a efeméride do 13 de Outubro significou um momento de tensão na disputa pela representação de Ferrer na imprensa na primeira década do século XX. Isso porque, na data, a memória do educador voltava aos holofotes e, com ela, as discussões sobre as pautas mobilizadas por seus apoiadores e opositores em torno da questão da educação racional, o que

colocava em marcha as diversas representações que fizeram de sua figura, seja em sua defesa e apoio, seja por meio de severas críticas àquele que consideravam uma ameaça aos princípios conservadores.

A hipótese central é que, como resultado dessa disputa de representações, o jornal anticlerical alçou a figura de Ferrer y Guardia à estatura de um mito político, conforme as teorizações do historiador francês Raoul Girardet. Segundo este, o mito político aparece “do ponto de vista da observação sociológica, como tão determinante quanto determinado: saído da realidade social, é igualmente criador de realidade social”³⁵⁴, no mesmo sentido em que Roger Chartier defende as representações como, ao mesmo tempo, expressão e criadoras do real³⁵⁵ e que Panofsky interpreta a obra de arte, como reflexo da vida social, ao mesmo tempo que contribuinte na formação de novos comportamentos coletivos³⁵⁶. Tendo em foco, portanto, o contexto histórico e a hipótese da elaboração intencional do “mito Ferrer”, buscou-se demonstrar as estratégias utilizadas por *A Lanterna* em sua estruturação, bem como entender em prol de quais pautas o periódico evocou e o utilizou.

Para tanto, deu-se destaque a determinados temas em que o educador ganhou relevo no jornal e que nortearam a divisão dos capítulos desta dissertação: a campanha de defesa de Ferrer no processo que o condenou à morte; a campanha pela fundação, em São Paulo, de uma Escola Moderna nos mesmos moldes do projeto original levado a cabo pelo catalão em Barcelona; a comemoração da efeméride de sua morte, o 13 de Outubro; e por fim, mas não menos importante, as disputas de representações acerca da figura do educador travadas com a imprensa periódica que se opunha às diretrizes libertárias, com foco em alguns veículos da grande imprensa e órgãos de comunicação pertencentes ou ligados à Igreja Católica. A partir destes temas foi feito o levantamento e a análise de representações textuais e iconográficas sobre Ferrer y Guardia veiculadas no periódico e concluiu-se, essencialmente, que no jornal *A Lanterna* a constituição e a utilização do mito Ferrer se deu em prol da causa da educação racional, ou seja, uma proposta pedagógica revolucionária norteadas pelo princípio do anticlericalismo, elemento este central e aglutinador das várias tendências dos colaboradores do hebdomadário, princípio também caro à pauta anarquista em geral.

Em uma repercussão singular da figura do educador no periódico, o mito Ferrer parece ter servido à defesa de um projeto libertário e anticlerical não só no âmbito da educação, mas de transformação profunda de toda a sociedade. Como demonstrado, a repercussão do caso

354 GIRARDET, op. cit., p.184.

355CHARTIER, op. cit., 2021, p.1.

356 PANOFSKY, op. cit.

Ferrer em *A Lanterna* não somente encontrou eco em um dos mais ruidosos fenômenos de mídia da época, *l'affaire Dreyfus*, como deu azo a outros episódios semelhantes, como o caso Rossoni. Expulso do Brasil pela Lei Adolfo Gordo, o professor italiano teve sua defesa no jornal anticlerical ancorada no mito Ferrer, que serviu mais de uma vez ao combate do periódico contra a referida lei e, também, à percepção muito veiculada na grande imprensa do imigrante desordeiro e do militante anarquista perigoso – que, como a historiografia bem documenta, foi uma das estratégias de desmobilização do movimento operário. No mesmo sentido, o mito Ferrer aparenta servir no jornal à disputa pela própria organização do operariado frente as tentativas organizacionais encabeçadas pela Igreja, como os sindicatos católicos, tidos como nocivos para a classe operária pelos militantes libertários e anticlericais de *A Lanterna*.

Mas acima de tudo, a morte de Ferrer inspirou um projeto de educação anticlerical e racionalista na capital paulista, para o qual a *Lanterna* colaborou ativamente. No jornal anticlerical, a campanha pela fundação de Escolas Modernas também esteve permeada pela elaboração deste mito salvador, espécie de guia da revolução social, que encontrou a perfeita personificação na figura de Ferrer. Importante campo de disputa, a educação dos trabalhadores foi um dos temas de destaque do jornal anticlerical que, inserido no contexto operário, não era apenas veículo de informação, mas também de formação desse público. Frequentemente, inclusive, as escolas racionalistas e centros de cultura social encabeçados por militantes libertários, constantemente propagandeados em *A Lanterna* e reforçados pelo mito Ferrer, supriam a ausência de educação formal para essa parcela da população.

No período do recrudescimento da carestia do custo de vida e da inclinação do foco do jornal à chamada “questão social”, o mito Ferrer não perde seu papel de símbolo mobilizador para a luta, tendo em vista a centralidade da pauta educacional no projeto anarquista de sociedade. Ao contrário, a *Lanterna* adapta novamente a figura do educador ao contexto e necessidades locais, vinculando-o cada vez mais ao anarquismo e ao operariado nacional e evocando sua memória no cenário da luta e organização dos trabalhadores de todo o mundo, como visto no caso da ligação de Ferrer com o 1º de Maio de 1916. Conclui-se ainda que além de uma dimensão mobilizadora, o mito construído a partir da luta de representações sobre a figura de Ferrer em *A Lanterna* também aparenta cumprir um papel didático ao difundir os ideais libertários tendo em vista aquela realidade social específica. Utilizado na denúncia de complôs, fosse o “jesuítico” pelos anticlericais, fosse o “anarco-maçônico” pelos clérigos – em uma ambivalência própria do mito político –, o mito Ferrer parece fornecer uma

chave para a explicação do contexto em que era evocado, explicitando a necessidade e a urgência das pautas reunidas em torno de si.

Desta feita, em *A Lanterna*, como mito salvador, Ferrer parece surgir “suficientemente poderoso, suficientemente coerente, suficientemente atrativo também para fixar a atenção, reter a reflexão”³⁵⁷. Rememorado nos círculos libertários de todo o mundo ainda hoje, a memória de Francisco Ferrer y Guardia continua a evocar a luta por uma educação livre das amarras da religião, do Estado e do capital, na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

357 GIRARDET, op. cit., p.64.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Luís Machado. *Ensaio anticlericais*. Lisboa: Editora Roma, 2004.

ALENCAR, J. Rui Barbosa. In: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BARBOSA,%20Rui.pdf>. Acesso em: 09/02/2022.

ÁLVAREZ JUNCO, José. *La ideología política del anarquismo español (1868-1910)*, Madrid, Siglo XXI, 1976.

ANDRADE NETO, João Correia de. *Educação anarquista e pedagogia libertária – caleidoscópio de uma história*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2008.

ANDRADE, Alex Moreira. *A maçonaria no Brasil (1863-1901): poder, cultura e ideias – como uma sociedade secreta conquistou a influência, ajudou a formular ideias, aprovar leis, formou valores, alçou cargos e se transformou no centro de difusão do Iluminismo no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2016.

ANDRADE, Carlos Eduardo Frankiw de. *Blasfemos e sonhadores: ideologia, utopia e sociabilidade nas campanhas anarquistas em "A Lanterna" (1909-1916)*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2009.

ARCHER, William. *The life, trial and death of Francisco Ferrer*. New York: Moffat, Yard and Company, 1911.

ARENDETT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

AVILÉS FARRÉ, Juan. *Francisco Ferrer y Guardia – Pedagogo, anarquista y mártir*. Marcial Pons Historia (Versão Ebook Kindle), Madrid, 2006.

_____. *Republicanism, librepensamiento y revolución: la ideología de Francisco Ferrer y Guardia*. UNED, Ayer, n. 49, 2003, p.249-269.

AVRICH, Paul. *The Modern School movement: Anarchism and education in the United States*. Princeton University Press, 1980.

AZEVEDO, Célia Maria. *Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites, século XIX*. SP: Annablume, 2004.

BACHOUD, Andrée. L'affaire Ferrer ou la France en question. In: ÉTIENVRE, Jean-Pierre; GOITIA, José R. U. (Org.). *L'Espagne, la France et la CE*. Madrid: Casa de Valázquez, 1989.

BARTZ, Frederico Duarte. *Movimento operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922*. Tese (Doutorado em História), UFRGS, Porto Alegre, 2014.

BATALHA, Claudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. *Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República*. ANPOCS, Caxambu, 1989.

BILHÃO, Isabel. Imprensa e educação operária: análise da difusão do ensino racionalista em jornais anarquistas brasileiros (1900-1920). *Educação Unisinos*, 20 (2): 176-184, maio/agosto, 2016.

_____. Pela educação lutaremos o bom combate: a instrução operária como um campo de disputas entre católicos e anarquistas na primeira república. *Revista História da Educação*, 2015.

BIONDI, Luigi. Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista La Battaglia e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos. *Cadernos AEL*, n.8/9, 1998.

_____. Na construção de uma biografia anarquista: os anos de Gigi Damiani no Brasil. In: DEMINICIS, B; REIS FILHO, R. A. (Org.). *História do Anarquismo no Brasil*. V.1, RJ: EdUFF, Mauad, 2006, p. 159-179.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro. Ed. Marco Zero Limitada, 1983.

BRASIL, Bruno. Jornal do Commercio (RJ). In. *Site da Biblioteca Nacional Digital*. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-commercio-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 09/02/2022.

BRITO, Rose. *No rastro de Benjamim Mota: A defesa das leis sociais e direitos políticos na Primeira República (1901-1904)*. Dissertação (Direito), UFSC, Florianópolis, 2016.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*, SP, Difel, 1977.

CAPELATO, Maria H. R. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAPPELLETTI, Ángel J. *Francisco Ferrer y la pedagogía libertaria*. Madrid: La Piqueta, 1980.

CARONE, Edgar. *A República Velha: Instituições e Classes Sociais*. RJ/SP: Ed. DIFEL, 1970.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1990

_____. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. SP., Cia. das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. [1998] *À beira da falésia*. A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. Representações das práticas, práticas da representação. [Entrevista a] Valéria dos Santos Guimarães, *História (São Paulo)*, Franca – SP, V.40, ed. 2021065, 2021.

CONNELLY ULLMAN, Joan. *La Semana Trágica: estudio sobre las causas socioeconómicas del anticlericalismo em España, 1898-1912*. Barcelona, Ariel (ed. original, *The Tragic Week*, Harvard, 1968), 1972.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da C. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. [1939] Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *O grande massacre dos gatos e outros episódios de história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DE PAULA, Amir El H. *Os operários pedem passagem! - A geografia do operário na cidade de São Paulo (1900-1917)*. Dissertação (Mestrado), USP, São Paulo, 2005.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo, (1880-1945)*. SP, Difusão Européia do livro /Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

DITTRICH, Lisa. *Anticlericalismo y vías de secularización em la Europa del siglo XIX: La excepcionalidade española*. Resumen de conferencia, Universidade de Santiago de Compostela, Galiza, Espanha, 2014.

DULLES, John. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ESPAGNE, Michel. *Transferências culturais e história do livro*. Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição, 2: 21-35, agosto, 2012.

FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*, São Paulo, Brasiliense, 1978.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: dicionário da língua portuguesa*. Ed.8, Curitiba: Positivo, 2010

FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FERRER Y GUARDIA, Francisco. *A Escola Moderna*. São Paulo: Ed. Terra Livre, Trad. Camilo Alvares, 1ª ed., 2014.

FERRER, Sol. *Le véritable Francisco Ferrer d'après de documents inédits*. Paris, Les deux sirènes, 1948.

_____. *Vida y obra de Francisco Ferrer*, Barcelona, Caralt (ed. original, *La vie et l'oeuvre de Francisco Ferrer*, Paris, Fischbacher, 1962), 1980.

GALLO, Silvio. *Educação anarquista: por uma pedagogia do risco*. Mestrado em Educação. Campinas: Unicamp, 1990;

_____. *Pedagogia Libertária: anarquistas, anarquismos e educação*. São Paulo/Manaus: Imaginário/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

GARCÍA SANZ, Fernando. *Historia de las relaciones entre España e Italia*. Madrid: CSIC, 1994.

GARZIA, Ricardo Ferrini. *Traçando a anarquia – o imaginário dos militantes do jornal A Plebe e suas ilustrações(1917-1924)*. Dissertação (História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

GHIRARDELLI Jr., Paulo. *Educação e movimento operário*. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1987.

- GIGLIO, Célia M. B. *Educação popular e educação escolar: caminhos cruzados*. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v.6, p.15-28. Jan./dez. 2007
- GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência e terror: quatro ensaios de iconografia política*. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- _____. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- _____. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. Lúcia Maria Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- GOMBRICH, E. H. *Meditações sobre um cavaleiro de pau*. São Paulo: Editora USP, 1999.
- GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988.
- GONÇALVES, Aracely Mehl *A Trajetória e o pensamento educacional de Francisco Ferrer y Guardia*. Cadernos de História da Educação, v.8, n.1, jan./jun, 2009, p.45
- _____. *Francisco Ferrer: Educação e a imprensa anarco-sindicalista - "A Plebe" (1917-1919)*. Dissertação (Mestrado), UEPG, Ponta Grossa, 2007.
- GONÇALVES, Vanessa da Cunha. Entre o editor e a publicação: José Carlos Rodrigues e o antiescravidão nas páginas d'O Novo Mundo. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*. ANPUH, Florianópolis (SC), 2015.
- GOULART, Kaio. Trabalhadores contra a carestia de vida: apontamentos sobre a historiografia dedicada aos estudos dos movimentos sociais de 1913 e 1917 na cidade do Rio de Janeiro. *Aedos*, n.13, v.5, ago./dez. 2013.
- GUIMARÃES, Valéria. Da história comparada à história global: imprensa transnacional e o exemplo do Le Messenger de São Paulo. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 176 (466):87-120, jan./mar. 2015.
- HALL, Michel. "O movimento operário na Cidade de São Paulo: 1890-1954" In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão! Vida Operária e Cultura Anarquista no Brasil*. SP: Ed. Brasiliense, 1984, 2ª ed.
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho. Novos estudos sobre a história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. V.5, Ed. 8. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004
- HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o Café. Café e Sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio, Paz e Terra, 1984.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal & SEGRÉ, Monique. *Sociologia da leitura*. Tradução: Mauro Gama. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

JOMINI, Regina Célia Mazoni. *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha*. Dissertação: UNICAMP, 1989.

_____. *Educação anarquista na República Velha: algumas ideias e iniciativas pedagógicas*. *Proposições*, 3 (Unicamp) (1990): 37-55.

JUNQUEIRA, Júlia Ribeiro. Permeando a curva da trajetória de José Carlos Rodrigues (1867-1923): breves apontamentos teórico-metodológicos. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. ANPUH, São Paulo, 2011.

KASSICK, Neiva Beron. & KASSICK, Clovis N. *A Contribuição do Pensamento Pedagógico Libertário para a História da Educação Brasileira*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

KHOURY, Yara Aun. *Edgar Leuenroth: uma voz libertária. Imprensa, memória e militância anarcosindicalista*. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

LAURIS JUNIOR, Renato L. *José Oiticica: reflexões e vivências de um anarquista*. Dissertação: História. UNESP/Assis, 2009.

LE GOFF, Jacque; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Trad. Theo Santiago. Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro, 1995

LEUTPRECHT, Douglas. *O legado de Francisco Ferrer y Guardia em movimento: apropriações do modelo pedagógico racionalista nas escolas modernas nº1 de Stelton (1913-1925)*. Tese (Doutorado), UDESC, Florianópolis, 2018.

LOPREATO, Christina. *O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos de Edgard Leuenroth*. *Verve*, 15: 201-221, 2009.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, K. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX*. *Revista Educação e Sociedade*, 12 (1982): 61-79.

_____. *O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna Nº1, 1912-1919*. *Revista Educação e Sociedade*, 24 (1986): 18-47.

_____. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional*. São Carlos: Ufscar, 1984.

MADRID SANTOS, Francisco. *La prensa anarquista y anarcosindicalista em España desde la I Internacional hasta el final de la Guerra Civil*. Tesis de Doctorado, Universidad Central de Barcelona, Facultad de Geografía u Historia, Departamento de Historia Contemporanea, 1989.

MAGNANI, Silvia Ingrid Lang. *O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)*. SP: Brasiliense, 1982.

- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução: Pedro Maia Soares. Companhia das Letras, 2004.
- MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*, Rio, Paz e Terra, 1979.
- MARCONI, Juliana Guedes. *Às luzes da Lanterna: iluminismo educacional e educação anarquista em edições de um jornal libertário paulistano*. Tese (Doutorado), UFSC, 2015.
- MARINS, Paulo César Garcez. “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras” in SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MARQUES, Carlos. *A imprensa libertária: jornalismo operário e resistência anarquista na primeira década do século XX*. Antíteses, 2012, 5 (10).
- MASJUAN, Eduardo. Reivindicación, the defense of the Magonist Mexican Revolution by Spanish anarchism, 1914-1918. *Signos Históricos*, vo. XXII, n.43, jan./jun. 2020, p.186-219
- MELLA, Ricardo. O problema do ensino. In. Org. MORYÓN. *Educação Libertária*. Teoria Crítica, 1989.
- Mártir. In. Dicio, *Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/martir/>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.
- MEDICI FILHO, Atugasmin. O infanticídio no novo Código Penal. *Revista dos Tribunais*. v. 140. São Paulo, 1942, p. 360-361.
- MICELI, Sérgio P. de Barros. *A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)*. Tese (Livre-docência em sociologia). UNICAMP, Campinas, 1985.
- MONCUSI, Albert. *El lluri pensament a Catalunya (1868-1923): cultures, identitats i militàncies anticlericals em transformació*. Tese (Doutorado), Universidade de Barcelona, 2015.
- MONÉS, J.; SOLÁ, P., y LÁZARO, L. M. *Ferrer Guardia y la pedagogía libertaria: elementos para un debate*. Barcelona, Icaria, 1977.
- MORAES, C. S.; CALSAVARA, T.; MARTINS, A. P. O ensino libertário e a relação entre o trabalho e educação: algumas reflexões. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. Ahead of print, mai. 2012.
- MORAES, Fábio Rodrigo de. Uma coleção de história em um museu de ciências naturais: o Museu Paulista de Hermann von Ihering. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.16, n.1, p.203-233, jan-jun, 2008.
- MORAES, José Damiro de. *A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos centros de cultura social*. Mestrado em Educação. Campinas: Unicamp, 1999.
- NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. (1974) São Paulo, EPU; Rio de Janeiro: MEC, (reimpressão) 1976.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Ana Paula Neves de. Edições em homenagem a Francisco Ferrer e repercussão de ideias no jornal anticlerical A Lanterna (1910-1911). *Anais Eletrônicos do XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP*. São Paulo, 2020.

OLIVEIRA, Kaithy das Chagas. *Folhas libertárias na América Latina: disputas pelos sentidos políticos das Escolas Populares no início do século XX, na Argentina e no Brasil*. Tese (Ciências Sociais), Brasília: UNB, 2021.

OLIVEIRA, Tiago. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (Doutorado em História), UFF, Niterói, 2009.

OLIVEIRA, Walter. *Narrativas à luz d'A "Lanterna": anticlericalismo, anarquismo e representações*. Dissertação (Mestrado em História), PUC/SP, São Paulo, 2008.

OLY PEY, Maria. (Org). *Esboço para uma história da escola no Brasil: algumas reflexões libertárias*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

PANOFSKY, Erwin. *Estudios sobre inonologia*. Madrid: Alianza, 1972.

PERES, Fernando Antônio. *Entre luzes e sombras – "A Lanterna" como fonte para a história da educação na Primeira República*. Trabalho apresentado no II Congresso Brasileiro de História da Educação, Natal, 2002.

_____. *Estratégias de aproximação: um outro olhar sobre educação anarquista em São Paulo na Primeira República*. Dissertação de mestrado, FFLCH-SP, 2004.

_____. *Guerra aos padres: o jornal anticlerical "A Lanterna" em São Paulo na Primeira República*. ANPUH, Londrina, 2005.

PETERS, José Leandro. *Entre a exteriorização e a internalização da fé – os redentoristas e a reforma católica no Brasil (1890-1920)*. Tese (História), UFJF: Juiz de Fora, 2017.

PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael M. (orgs.). *A Classe Operária no Brasil*. Documentos (1889 a 1930), vol. I, 10ª ed., 1979.

_____. *Alargando a história da classe operária: organização, lutas e controle*. Coleção Remate de Males, n.5, p.95-105, 1988.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da língua brasileira*, Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

POLETTO, Caroline. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: Imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)*. Tese (Doutorado em História). UNISINOS, São Leopoldo, 2017.

_____. *Por uma história transnacional da imprensa anarquista e anticlerical: a repercussão do caso Ferrer pelas páginas subversivas argentinas, brasileiras e espanholas (1909-1916)*. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, I, 2014.

_____. *Um beato nada devoto: a escrita profana de Beato da Silva no jornal anticlerical A Lanterna*. *Métis: história e cultura*, v.15, n.30, p.90-110, jul./dez. 2016.

PRADA, Antonio Moliner. *Clericalismo y anticlericalismo em la España contemporânea*. História: Questões & Debates, UFPR, Curitiba, n. 55, p. 59-82, jul./dez. 2011.

RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra, 3ª ed, 1997.

RELA, Walter. *El teatro de Ernesto Herrera: El León Ciego*. Editorial Ciencias, 1981.

RÉMOND, René. Anticlericalism: some reflections by way of introduction. *European Studies Review*. SAGE, London, Beverly Hills and New Delhi, Vol.13, p.121-126, 1983.

RIDENTI, Marcelo. Everardo Dias: jornalista e revolucionário. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

ROBERT, Vincent. La protesta universal contra la ejecución de Ferrer: las manifestaciones de octubre de 1909. *Historia Social*, n.14, pp. 61-82 (ed. original, *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, XXXVI, 1989), 1992.

ROBIN, Paul. In: F. G. Moriyón (org.). *Educação Libertária*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

RODRIGUES, Beatriz. *Linguagens urbanas na "Babel Amalucada": contos caipiras em periódicos paulistanos (1900-1926)*. Jundiaí (SP): Paco editorial, 2020.

RODRIGUES, Edgar. *História do Movimento Anarquista no Brasil*. Universo Ácrata: Editora Insular, Florianópolis, 1999.

RODRIGUES, Marly. *O Brasil na década de 1910*. São Paulo: Memórias, 3ª Ed., 2010.

ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori. Uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume, 2002.

RUBI, Gemma. *Protesta, desobediência y violência subversiva. La Semana Trágica de julio de 1909 em Catalunya*. Pasado y Memoria, 10, pp. 243-268, 2011.

RUDY, Antonio C. *O anticlericalismo sob o manto da República: Tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)*. Tese (Doutorado em História), UNICAMP, Campinas, 2017.

SADCOVITZ, Sarah Lerner. Carta exílio: Rui Barbosa e o processo do Capitão Dreyfus. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 225-234.

SAMIS, Alexandre. Contra limites e fronteiras: Neno Vasco e o anarquismo em dois continentes. *Navegar*, vol.3, n.4, jan-jun. 2017, p. 10-38

SANDRONI, Cícero. José Carlos Rodrigues. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. *Dicionário Histórico Brasileiro*. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RODRIGUES,%20Jos%C3%A9%20Carlos.pdf>> Acesso em: 09/02/2022.

SANTOS, Antônio Felício. *Site da Academia Nacional de Medicina*, Honorários Nacionais. Disponível em: <https://www.anm.org.br/antonio-felicio-dos-santos/>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

SANTOS, Carlos Neres dos. *Sob a luz dos infames – Anticlericalismo nas imagens do jornal A Lanterna – Folha Anticlerical de Combate* (São Paulo, 1909-1916). Dissertação (Mestrado), UNESP, Franca, 2019.

SANTOS, Kauan Willian dos. *Pontes de Liberdade: internacionalismo e imaginários nacionais na construção do anarquismo no Brasil (1890-1937)*. Doutorado (História). USP: São Paulo, 2021.

SANTOS, Luciana Eliza dos. *A educação libertária e o extraordinário*. Tese – USP: Faculdade de Educação, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão social no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 2001 [1993].

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Rodrigo Rosa da. *Anarquismo, Ciência e Educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)*. Tese (Doutorado), USP, São Paulo, 2013

_____. Francisco Ferrer y Guardia: ressonâncias para uma vida de liberdade. In.: MOTA, Benjamin, Et al. *Ferrer*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2021.

SILVA, Thiago Lemos. *Fragmentos biográficos de um anarquista na Porta da Europa: a escrita crônica como escrita de si em Neno Vasco*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) UFU. Uberlândia, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed, Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOLÀ GUSSINYER, Pere. *EL honor de los estados y los juicios paralelos em el caso Ferrer Guardia*. Un cuarto de siglo de historiografía sobre la “Escuela Moderna” de Barcelona. Cuadernos de Historia Contemporânea, n. 24, 2004, p.49-75.

_____. *Elements d’un procès de crim d’estat* (discurs de l’auditor de guerra em el judici contra Ferrer u Guàrdia amb comentaris crítics de Pere Solà). Educació i Història: Revista d’Història de l’Educació, n. 16 (juliol-desembre, 2010), p. 187-208.

_____. Francisco Ferrer Guardia: la Escuela Moderna, entre las propuestas de educación anarquista. in TRILLA, J. (Coord.). *El legado pedagógico del siglo XX para la escuela del siglo XXI*. Editorial Graó, Barcelona (2001), 4ª reimpresión: mayo, 2007.

_____. *Las escuelas racionalistas em Cataluña (1909-1939)*, Barcelona, Tusquets, 1976.

_____. *Francesc Ferrer i guàrdia i l’Escola Moderna*, Barcelona, Curial, 1978.

SOUSA, Ana Carolina Vendrusculo de. Martinico Prado: um empresário agrícola no interior paulista. *Revista Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo do Estado*. São Paulo, n.35, abril, 2009.

SOUSA, Fábio da Silva. Entre o lápis e as carabinas: arte revolucionária e propaganda política nas páginas de Regeneración. *Domínios da Imagem*, Londrina, ano V, p.67-82, novembro, 2011.

SOUZA, Ricardo Luiz de. O anticlericalismo na cultura brasileira: da Colônia à República. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n.37, p.175-199, abril de 2005.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Volume III. Vozes, ed. 4, 2001.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Edilene Teresinha. Em torno do jornal “O Amigo do Povo”: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. *Cad. AEL*, n.8/9, 1998, p.89-113.

_____. Imigração, sindicalismo revolucionário e fascismo na trajetória do militante italiano Edmondo Rossoni. *Cadernos AEL*, v.15, n.27, 2009.

_____. Para a união do proletariado brasileiro: a Confederação Operária Brasileira, o sindicalismo e a defesa da autonomia dos trabalhadores no Brasil da Primeira República. *Perseu*, n.10, ano 7, 2013, p.11-31.

_____. *Travessias revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e Itália (1880-1945)*, Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

VERGARA, Sofia. *Le culte Francisco Ferrer em Belgique*. Memoria de licenciatura, Université Libre de Bruxelles, 1986.

VIEIRA, Augusto José. *Francisco Ferrer*. In. *A Lanterna – anticlerical e de combate*. Ano XII, n. 212, 11 de outubro de 1909.

FONTES

A Imprensa (Rio de Janeiro, 1909)

A Lanterna (São Paulo, 1901-1904; 1909-1916)

A Terra Livre (São Paulo, 1906)

A União – Órgão do Centro Católico do Brasil (Rio de Janeiro, 1915)

Ata do Primeiro Congresso Operário Brasileiro (Rio de Janeiro, 1906)

Ata do Segundo Congresso Operário Brasileiro (Rio de Janeiro, 1913)

Ata do Segundo Congresso Operário Estadual de São Paulo (São Paulo, 1908)

Diário Oficial da União (Distrito Federal, 1916)

España Nueva (Madri, 1909)

Il Pasquino Coloniale (São Paulo, 1936)

Manifesto da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, 1909)

O Amigo do Povo (São Paulo, 1902-1904)

O Commercio de São Paulo (São Paulo, 1909-16)

O Correio Paulistano (São Paulo, 1909-16)

O Estado de S. Paulo (São Paulo, 1909-16)

O Paiz (Rio de Janeiro, 1909)

O Rio Nu (Rio de Janeiro, 1908)

Revista da Escola Normal de São Carlos (São Carlos, 1917)

Revista dos Tribunais (São Paulo, 1942)

Santuário D'Apparecida (Aparecida, 1908-1910)

SINZIG, Pedro. *Ferrer, mártir ou patife?* (Petrópolis, 1913)

Testamento de Don Francisco Ferrer y Guardia (Barcelona, 1909)

ARQUIVOS

Archivo Digital FFG – Fundació Ferrer i Guardia

Archivo General de Protocolos – Barcelona

Arquivo Edgard Leuenroth – Unicamp

Arxius de la Universitat de Barcelona

Centro de Documentação e Memória “Pe. Antônio Jorge – CSsR” – Santuário Nacional de Aparecida

Col. Part. Eric. B. Coulaud

Hemeroteca da Biblioteca Digital – UNESP

Hemeroteca da Biblioteca Nacional de España (BNE)

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN)

Special Collections & Archives – University of California San Diego Library